INTRODUÇÃO

O presente relatório foi elaborado no âmbito do processo de creditação da unidade curricular de prática de ensino supervisionada (PES), do *Mestrado em Ensino de Artes Visuais no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário.*

É referente ao ano lectivo 2011/2012 e incide sobre o trabalho desenvolvido na escola Secundária Francisco Rodrigues Lobo (Leiria). Aqui constam várias reflexões e descrições sobre a nossa prática profissional.

No presente ano lectivo leccionamos as disciplinas de Desenho A e Oficina Multimédia B aos 11º e 12º anos respectivamente. Fomos directores de turma, coordenadores de disciplina e estivemos envolvidos em inúmeras actividades e acções.

De forma detalhada este relatório inclui um conjunto de descrições, reflexões e problematizações referentes à preparação científica, pedagógica e didáctica; planificação, condução de aulas e avaliação de aprendizagens; participação na escola e desenvolvimento profissional. Conjugando sempre a nossa perspectiva com vários contributos de natureza teórica.

I. PREPARAÇÃO CIENTÍFICA, PEDAGÓGICA E DIDÁCTICA

1.1 Caracterização do Contexto escolar

A Escola Secundária Francisco Rodrigues Lobo, é uma escola do ensino secundário oficial, situada na cidade de Leiria, sede de concelho e capital de distrito.

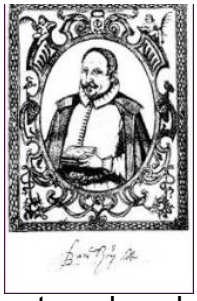
A escola foi criada por decreto durante a reforma de Costa Cabral em 1844. Nesta altura, a criação dos liceus teve três principais razões, preparar os alunos para o ensino superior, para a carreira eclesiástica e para o exercício de cargos públicos.

Na mesma reforma, Costa Cabral deixa expressa a necessidade de criação de um liceu em cada capital de distrito, que iriam substituir as chamadas escolas anexas que funcionavam nas povoações mais importantes.

As datas de 1850/51 correspondem a um grande desenvolvimento do ensino secundário, com a constituição definitiva do liceu, que começou a funcionar provisoriamente no Seminário Episcopal de Leiria.

Contudo só em 4 de Maio de 1852 foi constituído oficialmente o Liceu de Leiria. Em 1895, a escola foi instalada em edifício próprio, mandado edificar pela Junta Geral do Distrito. Este novo edifício dispunha de salas de aula, sala de professores, biblioteca, laboratórios de ciências, pátio de recreio e ginásio. (ESFRL, 2011).

Em 1912, passou a designar-se Liceu de Rodrigues Lobo com a atribuição de patrono.



Francisco Rodrigues Lobo, nascido em Leiria em 1580, bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra, foi poeta, prosador, historiógrafo, tradutor, moralista e erudito

Considerado por muitos como o criador da prosa bucólica. Foi autor de obras como *Corte na Aldeia, Condestabre, Primavera, Pastor Pereyrino e Desenganado*, entre outras (ESFRL, 2011).

Hoje em dia o aspecto da escola pouco se assemelha ao de um antigo liceu, devido às obras a que foi submetido, no âmbito da recuperação da empresa Parque Escolar.

A escola possui desde o ano lectivo de 2010/2011 um aspecto moderno e minimalista nas formas e cores, onde predominam as linhas geométricas, e uma paleta de brancos e cinzas.

Com base nos dados fornecidos no plano educativo referentes ao triénio 2008/2011, a escola tem 1176 alunos: 921 no ensino regular cientifico humanístico, 56 no ensino regular tecnológico, 80 no ensino profissional e 116 no ensino recorrente, com a distribuição que podemos observar no quadro 1.

Secundário									
Total de alunos (em 11/09/2008): **1176**									
Regular Científico-Humanístico			**RegularTecnológico**			**Profissional**			**Recorrente**
921			56			80			116
10º	**11º**	**12º**	**10º**	**11º**	**12º**	**1º**	**2º**	**3º**	**Módulos**
321	305	295	0	22	34	65	15	0	116

Quadro 1 – total de alunos

A Escola tem um total de 126 professores, dos quais 90 são Titulares e Quadros de Nomeação Definitiva (QND). Os professores de Quadro de Zona Pedagógica (QZP), Contratados e Outros são em menor número, o que significa que o corpo docente é bastante estável. O corpo de pessoal não docente conta com 35 elementos e é igualmente estável.

O Projecto Educativo 2008/2011 da Escola Secundária Francisco Rodrigues Lobo tem como lema: “Ensinar Educando, Aprender Participando”. O referido documento declara como missão da escola:

> *Contribuir para que todos acedam ao conhecimento, criem gosto pelo saber e hábitos de trabalho, numa perspectiva de formação ao longo da vida. Promover uma educação para os valores fundamentais, desenvolvendo nos alunos uma cidadania activa e crítica de forma a poderem intervir numa sociedade global e multicultural em que a diferença seja fonte de enriquecimento* (ESFRL, 2008, p.3).

1.2 Caracterização das Turmas

Acreditamos que uma das coisas mais importantes que afecta determinantemente o sucesso e insucesso, passa pelo conhecimento antecipado que temos dos nossos alunos, tornando-se desta forma imprescindível traçar o seu perfil e perceber quais os seus interesses, motivações, expectativas, pontos fortes, fracos, entre muitos outros aspectos.

Desta forma, no inicio do ano lectivo, tentamos o mais possível pôr-nos a par das especificidades e historial das turmas que nos foram atribuídas: 11º ano de desenho A e 12º ano de oficina multimédia B; tanto das características da turma, enquanto grupo, como das características individuais de cada aluno.

Apresentaremos, um breve e sucinto resumo das suas principais características, não entrando em especificações ou detalhes, por forma a não revelar quaisquer dados pessoais dos alunos, não violando desta forma o seu anonimato.

1.2.1 A Turma do 11ºH – Desenho A

A turma é composta por trinta e três alunos (vinte do sexo feminino e treze do sexo masculino), com média de idades de 16 anos. Contudo, dos trinta e três apenas vinte e sete se encontram inscritos na disciplina de Desenho A.
Todos os alunos são provenientes da turma do 10ºH, com excepção de dois alunos que se encontram a repetir o ano e mais três que foram transferidos de outras escolas.
Dos alunos que frequentam a disciplina de desenho vinte e cinco são de nacionalidade portuguesa, um é de nacionalidade francesa e um outro de nacionalidade moçambicana. Todos moram com os pais e os seus agregados familiares têm em média 4 elementos.

Todos têm computador em casa e acesso à internet. As habilitações dos pais /EE distribuem-se desde ensino básico até ao mestrado.

O aproveitamento da turma foi considerado no 10º ano razoável mas o seu comportamento foi apelidado de muito perturbador, existindo algumas dezenas de participações disciplinares. Genericamente eram uma turma indisciplinada e muito faladora, com problemas de assiduidade e pontualidade, o que acabou por se reflectir no seu aproveitamento escolar, de acordo com o que foi dito por alguns colegas, no primeiro conselho de turma.

Face a estes dados percebemos que teríamos de adoptar uma postura com base no rigor e exigência, de forma a tentar prevenir problemas de ordem comportamental.

Com excepção da fase inicial do ano lectivo, em que professor e alunos se conhecem e em que estes testam até onde podem ir, o ano decorreu sem problemas de ordem comportamental, na nossa disciplina. Factor que acabou se reflectir no rendimento dos alunos e no trabalho em aula.

Já no final do ano lectivo podemos dizer que foi uma turma que apresentou uma notória melhoria do seu comportamento e desempenho.

1.2.2 A Turma do 12ºI – Oficina Multimédia B

A turma é composta por vinte e um alunos (dezasseis do sexo feminino e cinco do sexo masculino), com média de idades de 17 anos. Todos os alunos são provenientes da turma do 11ºI e de nacionalidade portuguesa. Todos moram com os pais e os seus agregados familiares têm em média 4 elementos. Têm computador em casa e acesso à internet. As habilitações dos pais /EE distribuem-se desde o ensino básico até à licenciatura.

O aproveitamento da turma é bom e tal como o seu comportamento, o que facilita o trabalho e cria um bom ambiente na sala de aula.

Todos os alunos pretendem candidatar-se ao ensino superior, com excepção de um aluno que acabou por anular a matricula em meados de Outubro. No final do ano lectivo todos os alunos concluíram com sucesso o 12º ano de estudos.

1.3 Conhecimento do Currículo

O conceito de currículo, considerado por vários autores como um conceito ambíguo, é, em educação, o programa educativo das escolas. Segundo Zabalza (Canário, 1992) o currículo é "*um conjunto das ideias, dos conteúdos e das actuações educativas levadas a efeito na escola ou a partir dela*" (p.82)

A relevância da educação artística no desenvolvimento curricular do aluno tem vindo a alcançar uma maior expressão ao longo dos tempos, reconhecendo-se hoje em dia, de acordo com Ribeiro (2005), como "*uma disciplina de maior e insubstituível valor*" (p.21). Porém, sentimos que ainda se debate com alguns problemas de implantação e de aceitação, principalmente gerados pela sociedade.

De acordo com o nosso ponto de vista, ainda se trata de uma opinião mais ou menos consensual de que as artes são "*periféricas e dispendiosas, de nenhuma importância na educação e sem qualquer prioridade, como as matemáticas e as ciências*" (Best, 1996, p.7), "*sendo mais aceites como actividades lúdicas, com as quais nada se pode aprender*" (Ribeiro, 2005, p.21-22). Ouvimos, por vezes, também que se alguém *seguiu artes* é porque *não dava para mais nada*, o que, de imediato, nos motiva algumas questões que deixaremos em aberto: se a arte não serve para nada, por que é que, desde sempre, os artistas são motivo de perseguição política, social e religiosa? Se nada se aprende com as artes, porque será por vezes tão incómoda? E porque desempenha um papel insubstituível na sociedade?

Andrea (2005) refere que o processo de Expressão Artística possibilita ao ser humano manifestar pensamentos, emoções, sensações e sentimentos, ou seja a sua individualidade e, conjuntamente, reflectir sobre si mesmo. Este processo comunicativo, expressivo e criativo, possibilita ao sujeito a exploração integral das suas capacidades (intelectual, corporal e emotiva).

No desempenho da nossa actividade seguimos as orientações apresentadas nos documentos divulgados pelo Ministério da Educação, nomeadamente, as orientações curriculares de Desenho A e Oficina Multimédia B, neste ano lectivo especifico.

Salientamos que estes documentos delimitam o conjunto das aprendizagens e competências a desenvolver e não a sua forma de execução, visto que cada escola possui a sua realidade, e expressa as opções no Projecto Educativo e no Projecto Curricular de Escola.

Sendo muito importante que o professor adeqúe a sua abordagem ao currículo e às características especificas apresentadas.

No curso científico-humanístico de Artes Visuais, as disciplinas específicas disponíveis dividem-se em trienais, bienais e anuais. (quadro 2)

A disciplina de Desenho A encontra-se disponível para frequência trienal; as disciplinas Geometria Descritiva A e História da Cultura e das Artes são bienais, devendo cada aluno escolher 2 entre 3 opções (a terceira disciplina de opção é Matemática B) a frequentar no 10º e 11º anos de escolaridade.

Como disciplinas anuais, a frequentar no 12º ano, os alunos devem escolher duas das opções apresentadas, Oficina de Artes, Oficina Multimédia B, Materiais e Tecnologias B, Inglês 8, Psicologia B e aplicações informáticas B.

CURSO DE ARTES VISUAIS				
	Disciplinas	**10º**	**11º**	**12º**
Formação Geral	Português	2	2	2
	Língua Estrangeira I ou II	2	2	
	Filosofia	2	2	
	Educação Física	2	2	2
Formação Específica	Desenho A	3,5	3,5	3,5
	Geometria Descritiva A **a)**	3	3	
	Matemática B **a)**			
	História da Cultura e das Artes **a)**			
	Oficina de Artes; Oficina Multimédia B; Materiais e Tecnologias B; Inglês 8; Psicologia B; Aplicações Informáticas B **b)**			3,5 ou 3*
Formação Cívica		0,5		

(Carga horária – unidades lectivas de 90 minutos)

Quadro 2 – disciplinas do curso de artes visuais

1.4 As disciplinas do Curso de Artes Visuais

Com base na nossa experiência, e apesar de estarmos a falar de disciplinas pertencente ao curso cientifico-humanístico de artes visuais, percebemos que existe uma grande dificuldade em conseguir que pais, alunos e, até por vezes, colegas de profissão de outras áreas do conhecimento, concedam a importância devida às disciplinas artísticas, ou seja, considerem-nas tão importantes como as restantes no processo de aprendizagem.

Esta área aparece, ainda, como uma área menor desta etapa educativa que interessa muito pouco à sociedade portuguesa e prova disso é a necessidade constante que temos em justificar o seu valor na educação. Rodriguez (2003), chega mesmo a afirmar que *"Justificar la importancia de la educación artística seria tan absurdo como pretender justificar la de cualquier otra área del conocimiento*" (p.9).

Segundo Oliveira (2007), a falta de sensibilidade para compreender a importância das disciplinas de carácter artístico, advém de um conjunto de pressupostos "errados" que se foram criando ao longo dos tempos. Hernández (2000) afirma mesmo que a actual posição da arte na educação é penosa para as crianças e professores.

Apesar da tomada de consciência de muitos profissionais da necessidade de uma mudança significativa nesta área do saber, o problema reside no facto de não saberem o que fazer, como fazer e qual direcção seguir para a alterar. De acordo com Oliveira (2007), existe uma vontade de mudança, tão grande como a desorientação face à forma de agir;

> *"Nuestra época ha demostrado que la cuestión de la enseñanza de las artes y la cultura en el ámbito escolar tiene importancia, aunque los pasos que se han seguido para tomar medidas al respecto son demasiados tímidos para haber tenido aún una influencia práctica en la realidad"* (Wagner, 2001, p.80).

O entendimento da função da arte na nossa sociedade, assim como o reconhecimento da sua importância na vida das pessoas, permite-nos compreender melhor a sua posição na educação.

As disciplinas artísticas não podem justificar-se exclusivamente por auxiliar outras áreas do saber, por isso devem estruturar-se de uma forma autónoma. A arte na educação visa essencialmente potenciar a componente sensorial e cognitiva, ampliar as estruturas de referência relativamente ao conceito de arte, abrir horizontes culturais e trabalhar a capacidade criativa e comunicativa.

Tal como noutras áreas onde o saber é importante, também a arte é uma forma de aprender a conhecer. A preocupação central de qualquer uma das disciplinas artísticas do curso de artes visuais é colocada por Efland (2004) de

uma forma muito pragmática:

> *"La argumentación a favor de las artes ya no gira sobre si las artes son cognitivas o no. La cuestión pasa a ser, qué capacidades cognitivas proporcionan las artes que otras materias no pueden proporcionar, o no lo hacen tan bien como las artes? En concreto, qué capacidades especiales aportan las artes visuales a la cognición en su conjunto?"* (p.212).

Este autor refere-se às perspectivas de Howard Gardner e Elliott Eisner como tentativas de resposta a estas questões;

> *"Lo que yo tomo de los argumentos de Eisner y Gardner es que diferentes âmbitos de conocimiento utilizan diferentes capacidades cognitivas para su domínio, y que estas capacidades no es probable que evolucionen si están ausentes de las experiencias de vida de los indivíduos. Cuanto más rica se la gama de materias experimentadas, más amplia será la gama de potencialidades cognitivas que es probable que desarrollen los estudiantes*" (Efland, 2004, p.213).

Apresentar o nosso património artístico aos nossos alunos permite enriquecer a sua personalidade, despertando-lhes a expressividade, a sensibilidade estética e preparando-os para uma melhor compreensão do mundo. Deste modo, afirmamos com base em Oliveira, Cruz, Pechincha (2004), que a importância que a arte tem na educação "*resulta da dinâmica linguagem social que apresenta e representa o mundo e lhe permite aprender algo sobre ele mesmo*". (p.25)

No que toca ao aspecto produtivo associado ao agir plástico e ao fazer expressivo, traduz-se num meio de comunicação que se serve da manipulação de um conjunto de técnicas, materiais e suportes capazes de concretizar trabalhos plásticos. Este aspecto procura desenvolver as capacidades necessárias para a criação de obras expressivas, tal como em cultivar a sensibilidade visual e criadora através da participação no desenvolvimento do processo artístico. Este aspecto produtivo promove ainda a capacidade de representar ideias, sentimentos e imagens que muitas vezes não se podem traduzir noutra forma de linguagem, como a verbal ou a escrita. Para Ramírez (2003), "*crear un objeto artístico es un problema complejo e rico que implica gran cantidad de conocimientos y el uso de estrategias específicas*" (p.175)

Face às já explanadas vantagens das disciplinas artísticas no que toca ao

aspecto cognitivo e produtivo, impõe-se ainda salientar o papel do professor no que toca ao esforço para melhor operacionalizar cada uma das disciplinas artísticas à parte da suas inerentes especificidades, pois estas não podem ser descabida de fundamento. Isto implica que o professor assuma "*conscientemente uma postura reflexiva e analítica face ao que constitui a sua prática quotidiana, concebendo-a como campo de saber próprio a desenvolver e aprofundar e não como normativo que apenas se executa sem agir sobre ele*" (Roldão, 2000, p.17).

De facto, é necessário que o professor se implique no processo educativo, que saiba eleger um conjunto de actividades direccionadas para um determinado grupo alvo, *"compostas por conteúdos e objectivos operacionalizados através de metodologias diversificadas que pressupõe consequências educativas"* (Zabalza, 2001, p.95).

Em suma, a utilidade da arte na educação passa pelo desenvolvimento da percepção visual e a análise crítica e pela participação activa no processo artístico, criando obras plásticas. Deste modo, entendemos que o processo educativo desta área se dedica à análise e criação de imagens visuais, enquanto veículos e meios de comunicação expressiva.

A expressão artística desenvolve ainda a capacidade de expressão, criação, e percepção, formando pessoas capazes de apreciar e analisar obras e imagens, assim como produzir trabalhos artísticos. Outro grande objectivo passa por preparar as crianças para serem futuros produtores e/ou receptores de arte/imagens. Sendo a expressão plástica, de acordo com Oliveira, Cruz e Pechincha (2004), uma actividade que se serve de "*diferentes procedimentos, que usa um modo determinado e que opera numa situação concreta de significados, quer dizer, enquadrada num sistema sociocultural*" (p.25), deste modo não nos restam dúvidas de que a expressão plástica é algo educável e uma reflexão sobre a sua operacionalização pretende atribuir-lhe a sua verdadeira importância.

Para melhor analisarmos a questão iremos apresentar com um pouco mais de detalhe as especificidades inerentes às duas disciplinas que leccionamos no presente ano lectivo, Desenho A e Oficina Multimédia B.

1.5 Conhecimento dos Conteúdos

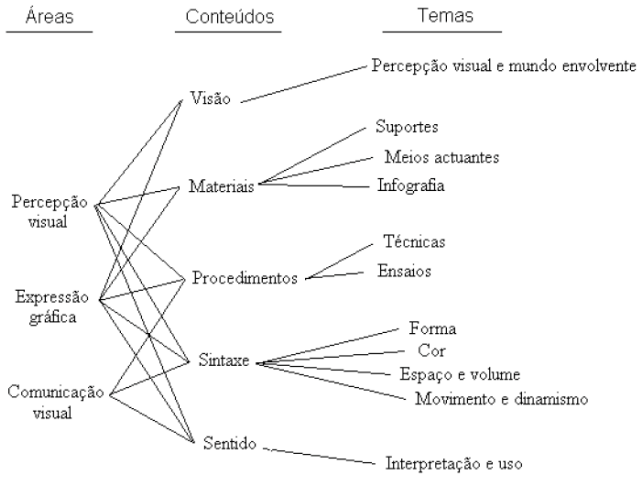
1.5.1 Desenho A

A disciplina de Desenho A é a principal disciplina do Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais, visto ser a única obrigatória da componente específica de formação. A disciplina possui uma carga horária semanal de três blocos e meio de noventa minutos ao longo dos três anos.

O plano curricular encontra-se dividido em dois programas. O primeiro corresponde ao do 10º ano, no qual estão presentes as finalidades, os objectivos, os conteúdos e temas, sugestões metodológicas, competências a desenvolver, recursos e avaliação. O segundo corresponde ao 11º e 12º ano, que contém os conteúdos e sugestões metodológicas.

Os programas apresentam também sugestões bibliográficas para cada conteúdo, e estratégias.

De acordo com o programa da disciplina o seu principal objectivo passa pela "*aquisição de uma eficácia pelo Desenho a um nível pré-profissional e intermédio*" (p.3), que permita aos alunos "*dominar, perceber e comunicar, de modo eficiente*" (p.3) através da utilização deste meio. O documento considera o Desenho como "*uma área estruturadora de muitas outras áreas profissionais que nela se baseiam ou do seu exercício partem*" (p.3) e assume-o como uma disciplina geradora de motivação e criadora de um ambiente que beneficie o aparecimento de uma dinâmica social que privilegie a interacção cultural.



Quadro 3- áreas, conteúdos e temas (10º,11º e 12º anos)

O programa da disciplina divide-se em três grandes áreas de exploração: percepção visual, expressão gráfica e comunicação visual, dentro das quais se organizam os diversos conteúdos e temas.

Da disciplina do 11º ano, fazem parte cinco conteúdos programáticos:

visão, materiais, procedimentos, sintaxe e sentido.

A abordagem destes conteúdos deve envolver trabalho prático que contemple a experimentação e exploração de diferentes materiais e técnicas, numa perspectiva de aprofundamento dos conteúdos, pois os mesmos já foram abordados no ano lectivo anterior.

No programa, encontramos referências à formação cultural dos alunos, de forma a contextualizar o Desenho através de uma visão diacrónica e sincrónica, sugerindo "*o confronto quotidiano com exemplos do que o desenho pode assumir, como factor que motive o trabalho do aluno ou que auxilie o enquadramento do que é proposto na unidade de trabalho*" (p. 5).

Conseguimos "ler" anda no programa a necessidade de incutir hábitos culturais nos alunos. Muito autores apelidam isto de "currículo oculto", como um dos factores mais determinantes no sucesso do aluno. De acordo com Silva (1999), o currículo oculto é

> "*constituído por todos aqueles aspectos do ambiente escolar que, sem fazer parte do currículo oficial, explícito, contribuem, de forma implícita para aprendizagens sociais relevantes (...), o que se aprende no currículo oculto são fundamentalmente atitudes, comportamentos, valores e orientações* (p.78).

Acreditamos, que deverá ser uma preocupação dos professores de Desenho, desenvolver o gosto pelas artes visuais no seu todo. Sendo do nosso ponto de vista uma alavanca motivacional para a criação de um sistema de ensino/aprendizagem mais dinâmico, onde os alunos obtenham melhores resultados ao nível escolar, mas também, ao nível pessoal e profissional, pois consideramos a cultura como um pilar estruturante para a formação do indivíduo.

1.5.2 Oficina Multimédia B

A disciplina de Oficina de Multimédia B, é optativa e integra a formação específica dos alunos do Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais do 12º ano. Possui um carácter eminentemente prático, e veio colmatar a falta de

conhecimentos de base tecnológica. Esta disciplina possui uma carga horária semanal de três blocos e meio de noventa minutos.

A importância e a necessidade desta disciplina estar presente no currículo do curso de artes visuais, prende-se na nossa opinião com algo muito simples, o dever da escola acompanhar as exigências da sua época e, especificamente neste caso, abordar as novas ferramentas de trabalho em arte.

Reflectindo um pouco sobre aquilo que nos rodeia, percebemos que vivemos numa sociedade com um acelerado ritmo de vida e em constante avanço tecnológico, o que provoca grandes e rápidas mudanças, muito pela velocidade da comunicação, que permite uma divulgação de informação quase imediata e a nível global. A noção de arte contemporânea, com um legado que remota à segunda guerra mundial, fruto do impulso económico e tecnológico, repercute hoje um conjunto de aspectos recorrentes das novas tecnologias, dos *media* e da sociedade de consumo, (Silva 2010).

A disciplina de Oficina de Multimédia implica o desenvolvimento da multiliteracia e a capacidade de comunicar, criar significado e interpretar através de diferentes meios de expressão. Mais do que isso, permite abrir um novo mundo de compressão e leitura das manifestações artísticas que nos rodeiam.

De acordo com o programa da disciplina, o aluno deverá desenvolver capacidades de organização e produção de projectos multimédia, a partir do domínio de conceitos e ferramentas de tratamento e criação de material digital. Deverá também aprender a analisar e criticar os seus trabalhos e os de outros. O programa apresenta sugestões bibliográficas de apoio referentes a cada conteúdo e sugestões quanto às estratégias a serem desenvolvidas em aula.

Esta disciplina, deverá permitir a exploração a vários níveis e proporcionar aos alunos o gosto pela multimédia fomentando, como já foi referido, o espírito crítico, tornando-se uma prática construtiva e consciente.

Os conteúdos abordados na disciplina são sinteticamente, o texto e a escrita, a imagem, o som, o vídeo digital e a animação.

II. PLANIFICAÇÃO E CONDUÇÃO DE AULAS E AVALIAÇÃO DE APRENDIZAGENS

2.1. Perspectiva Educativa e Métodos de Ensino

Quando estudamos os diferentes pedagogos, filosofias e teorias, acabamos por criar ideias muito rígidas e até um pouco fundamentalistas de como será a nossa postura enquanto futuros profissionais. Contudo, quando passamos da teoria para a prática, acabamos inevitavelmente por levar com um banho de realidade e, de um momento para o outro, tudo deixa de ser branco ou preto, passando a existir uma nova gama de tonalidades cromáticas a explorar.

Percebemos rapidamente que as grandes verdades que norteavam o nosso pensamento, deixam de fazer tanto sentido, e que por mais interessante que seja uma determinada teoria, ela terá de ser lida e assimilada aos olhos da experiência e aplicada possivelmente com algumas modificações consoante a realidade de cada dia, de cada local, escola, turma e aluno.

Com isto não queremos de todo menosprezar a importância da teorização em pedagogia, nem tão pouco generalizar injustamente, apenas queremos deixar o desabafo e de alguma forma explicar o *porquê* de ser uma tarefa tão difícil, a de enquadrar o nosso desempenho profissional numa determinada corrente de pensamento, pois na verdade ela altera-se brutalmente consoante a realidade que nos vai rodeando a cada ano que passa.

Com a ajuda de várias leituras, e uma análise cuidada e reflexiva do nosso desempenho profissional, passaremos a expor algumas linha de conduta que mais ou menos incisivamente tem pautado o nosso desempenho, pois o professor já não é aquele que apenas se limita a debitar conhecimentos, mas é sim aquele que leva os alunos à descoberta de novas experiências e, consequentemente, os leva a reflectir sobre as mesmas.

Atendendo às disciplinas que leccionamos, de cariz eminentemente prático, podemos dizer que privilegiamos o ensino baseado na experiência como forma

de fomentar a descoberta, pois consideramos que a *experiência* é, sem dúvida, das actividades mais ricas em educação.

Para além da descoberta, a experiência incrementa também a motivação dos alunos, apesar de nos depararmos muitas vezes com um grande desinteresse pela aprendizagem e pela descoberta de algo novo, o que nos obriga a ser cada vez mais criativos nas abordagens. Contudo, é bastante difícil estimular e motivar alunos com falta de objectivos de vida e também devido, em grande parte, ao crescente facilitismo que, no nosso entender, verificamos existir hoje em dia. Acabamos por ter alunos pouco interessados e motivados, cabendo a nós professores a habilidade de tentar inverter tal situação.

Nesse campo, a contribuição que podemos dar é muito importante: as indicações e informações que se dão em momentos expositivos, a nossa própria capacidade comunicativa, o esforço por ir ao encontro das motivações dos alunos, a concepção e as propostas de exercícios a par de uma pedagogia adequada e as orientações individuais que damos aos alunos, no decurso da execução do trabalho, são pontos chaves para o sucesso.

Segundo Raposo (2002), uma educação empenhada numa dimensão prática com base na experimentação (artística) pode levar os alunos a aproximar-se da escola, a encontrar satisfação e a desenvolver a livre criatividade através da apropriação dos meios técnicos e materiais facilitadores da expressão pessoal.

Por estes motivos, cabe-nos a nós perceber quais os métodos mais adequados para leccionar os conteúdos das nossas disciplinas, e gerir as dinâmicas de sala de aula de modo a cativar todos os alunos por mais heterogéneos que sejam.

Isto, sem descurar a exigência e o acompanhamento individual do trabalho de forma a conseguirmos que os nossos alunos obtenham bons resultados, ultrapassem as suas dificuldades e consigam surpreender-se e superar-se.

Consideramos do ponto de vista da perspectiva educativa que, no nosso desempenho profissional, somos transmissores de informação e conhecimento, mediadores no processo de estimulação do aluno na sua procura do conhecimento e autonomia. É nosso papel também envolver e motivar os

alunos para as mais diversas actividades conduzindo-os a uma aprendizagem significativa.

Zabalza (2001), defende algo que também acreditamos e levamos a cabo nas nossas aulas, que passa essencialmente por termos o cuidado de desenvolver nos nossos alunos, novos interesses e capacidades, tais como uma visão mais ampla e critica do mundo, através da observação, relacionamento de factos, contrabalanço de perspectivas, experiências e situações que possam ser exploradas, comparadas, analisadas conjuntamente e de forma autónoma, avaliando a situação no seu conjunto e reformulando-a quando necessário.

Desta forma, consideramos basicamente que o ensino deve ser centrado no aluno, e que o professor pode e deve desenvolver práticas de ensino em arte que correspondam às expectativas de todos os intervenientes na aula, devendo também organizar os conteúdos após ponderar as capacidades de cada aluno.

Parece-nos importante salientar, ainda, que o professor de uma disciplina artística, atendendo ao seu potencial e carácter essencialmente prático, deve tentar fomentar um contexto de aprendizagem que beneficie a construção activa e significativa do conhecimento.

Estes contextos podem incitar à reflexão crítica dos alunos, durante as mais diversas actividades, "*conduzindo-os à análise do que dizem e fazem, bem como o que dizem e fazem os seus pares*" (Almeida, 2006, p. 29). Para além disso, estes ambientes devem propiciar actividades e estratégias, tendo em conta os estilos e ritmos de aprendizagem de cada um, pois mesmo em faixas etárias idênticas, os níveis dos alunos são diferentes, e o currículo do ensino em arte, segundo Barrett (1979), permite fazer esta diferenciação, sem desprezar as finalidades e objectivos a atingir, privilegiando a avaliação formativa, voltada, não só para a regulação da aprendizagem de cada aluno, mas também para a reflexão, auto-avaliação e auto-correcção da própria aprendizagem. (Almeida, 2006).

Deste modo, estes contextos de aprendizagem "*estimulam a construção colaborativa do conhecimento*", e propiciam boas relações interpessoais, dentro e fora das salas de aula (Matos, 2003, p.446). São motivadores e

responsabilizam os alunos pelas suas próprias aprendizagens, conduzindo-os à descoberta de novas relações, significados e ideias, o que permite ao aluno desenvolver distintas competências.

O professor deverá apelar à criatividade, o que não significa o desgoverno na execução dos trabalhos. "*Deve ensinar a projectar e planear para não criar nos alunos motivos para a insatisfação e auto despromoção das suas faculdades, após a realização do trabalho*" (Queirós, 2007, p.76).

De acordo com Munari (1982), a criatividade não significa a improvisação sem método. O professor tem de saber objectivar até no campo da improvisação, para que as aulas não se transformem em algo sem nexo e, naturalmente, sem efeitos práticos na aprendizagem das crianças.

A escola no geral e o professor em particular têm de estabelecer uma ponte pedagógica entre as diferentes manifestações culturais e artísticas, a que o aluno está exposto no seu dia-a-dia e em sociedade. Pode promover e privilegiar uma aprendizagem, através de uma adequação positiva e eficaz, de práticas artísticas e expressivas, de modo a impulsionar a educação artística e a compreensão das diferentes manifestações. Segundo Almeida (2006), a expressão artística, enquanto aprendizagem, permite reflectir sobre as imagens que nos rodeiam, o que permite desenvolver nos alunos as capacidades necessárias para interagir com o meio cultural e artístico presente na sociedade, favorecendo, desta forma, a compreensão e a participação activa no processo criativo e expressivo, através da realização da expressão plástica.

Considerando que a arte existe em cada pessoa, em cada aluno, na medida em que reflecte a imagem de cada modo de pensar, Iavelberg (2003) salienta que "*a arte promove o desenvolvimento de competências, habilidades e conhecimentos necessários a diversas áreas de estudos; entretanto, não é isso que justifica a sua inserção no currículo escolar, mas o seu valor intrínseco como construção humana*" (p.9), pois as artes, ao permitirem "*participar em desafios colectivos e pessoais que contribuem para a construção da identidade pessoal e social, exprimem e enformam a identidade nacional, permitem o entendimento das tradições de outras culturas e são uma área de eleição no âmbito da aprendizagem ao longo da vida*"(CNEB, 2001, p.149).

Assim, devemos atender a um conjunto de estratégias e criar situações de aprendizagem que, propositadamente, promovam discussão, reflexão e a produção de consensos sobre projectos e actividades a desenvolver, indo sempre que possível ao encontro dos interesses dos alunos, motivando-os e promovendo atitudes de comportamentos individuais e em grupo, de forma a favorecer a construção progressiva da autonomia individual e o desenvolvimento de competências de cooperação (Almeida, 2006).

Paralelamente, essas estratégias devem ser um estímulo à participação cívica, crítica e responsável, em qualquer espaço escolar, permitindo ao aluno desenvolver competências e atitudes, construir saberes e utilizá-los em situações reais e concretas (Trindade, 2002). Por outro lado, cabe ao professor, enquanto supervisor e profissional de um contexto instável, ser suficientemente flexível para responder estrategicamente ao que lhe é oferecido (Schön, 1987).

Concordamos plenamente com Ângelo Ribeiro (2005, p.20), quando diz que o professor deve ter as seguintes atitudes a aptidões:

> "• desenvolver uma atitude investigadora frente aos fenómenos artísticos e educativos - mostrar interesse em conhecer, saber questionar e ser capaz de estimular essa atitude nos alunos;
>
> • ser capaz de se apropriar e de criar conhecimentos escolares, promovendo o desenvolvimento dessas capacidades nos alunos;
>
> • compreender os processos de produção, apreciação crítica e contextualização as artes nas suas distintas manifestações;
>
> • ser portador de uma sensibilidade estética e comunicá-la aos alunos, no que se refere à apreciação e experiência do mundo natural e cultural;
>
> • ser criativo, imaginativo, utilizando o pensamento visual e metafórico na prática educativa."

Do ponto de vista metodológico, no presente ano lectivo, utilizamos vários métodos para a leccionação dos diferentes conteúdos e unidades. Nestas abordagens, ora expositivas, ora mais exemplificativas, recorremos sempre ao auxilio de meios multimédia como apresentações powerpoint visualização de pequenos vídeos (excertos de documentários, filmes, ...), visualização de materiais físicos, como livros, brochuras, cartazes, prospectos, revistas, brinquedos ópticos, entre outros, de acordo com as exigências da situação.

Estes materiais pretenderam ajudar à compreensão das matérias leccionadas transpondo a teoria para a exemplificação prática, facilitando o seu entendimento e correlação com outros assuntos. Servem também como pretexto para a problematização de conceitos e ideias, estimulando o pensamento, o diálogo e a discussão.

O nosso desempenho, foi também pautando, pelo acompanhamento e aconselhamento individual que proporciona uma maior proximidade com o aluno e uma maior eficácia na aprendizagem, pois os erros são corrigidos rapidamente. Cremos que este acompanhamento individualizado se torna uma mais valia para todos, porque permite uma evolução mais rápida, consciente e consistente.

Por forma a completar e assimilar a informação fornecida nas aulas, e de forma a desenvolverem melhores técnicas de trabalho, pesquisa, e trabalho cooperativo, foram marcados alguns trabalhos de casa e alguns trabalhos de grupo.

Outro ponto que complementa a estratégia usada, ponto fundamental no nosso entender, para o sucesso do acto de ensino - aprendizagem foi a procura constante, indo de encontro aos gosto e interesse dos alunos, para que conseguíssemos mais facilmente fomentar a motivação e a participação activa.

Desta forma incentivamos os alunos a procurar e a descobrir autonomamente novas temáticas, assuntos, técnicas, métodos, etc, e que as partilhassem connosco e com a turma. Muitas vezes foram partilhadas temas e assuntos que aparentemente pouco tinham haver com as disciplinas, contudo serviram de ponte para a introdução de novos assuntos.

No decurso do ano lectivo procuramos transmitir aos alunos a importância da persistência, ou seja, não poderiam desistir à primeira dificuldade. Procuramos sensibilizar os alunos para o facto de que só com trabalho, perseverança e empenho se conseguem bons trabalhos e bons resultados, tal como um músico, ou um atleta, em que o treino está na génese do seu sucesso.

Este tipo de preocupação encontra-se também na obra “the elements of drawing” de Ruskin, onde inúmeras vezes o artista menciona a importância da perseverança, entre outros ensinamentos, ao longo do livro.

Quisemos incutir também o habito da apresentação e reflexão conjunta, algo que muitas vezes é um pouco menosprezado no nosso sistema educativo, trata-se de uma fase tão ou mais importante do que a realização, uma vez que sem ela o trabalho fica incompleto e não alcança todos os objectivos que poderia ter alcançado, daí promovermos em ambas as turmas, no final das unidades, apresentações orais dos trabalhos e reflexões conjuntas.

Outra questão também um pouco esquecida por vezes é a da interdisciplinaridade. Criamos em diversos momentos parcerias com outras disciplinas por forma a combater a fragmentação dos saberes e a falta de uma relação destes com a realidade do aluno, tentando desta forma promover a integração de matérias, métodos ou técnicas, de diferentes disciplinas, na construção do conhecimento.

11º Ano

Esta turma, possui um elevado numero de alunos, factor que dificultou um pouco a organização e gestão da sala de aula. Era, ao início, uma turma pouco regrada, sem hábitos de trabalho, com algumas dificuldades na apreensão dos conteúdos e com elementos pouco motivados e sem grandes objectivos.

Por estes motivos houve um reforço ao nível do esclarecimento de dúvidas, uma constante revisão de conteúdos leccionados no 10º ano, e uma tentativa afincada de ir de encontro dos seus interesses, uma maior exigência ao nível do controle dos tempos de realização dos trabalhos e entrega dos mesmos, organização do trabalho e um incremento do espírito auto-critico.

Um maior controlo também nos trabalhos de casa (registos gráficos) que serviam tanto para consolidar as matérias leccionadas no contexto da aula como para fomentar a responsabilidade e reforçar a importância do trabalho diário a esta disciplina.

A postura e os métodos utilizados surtiram o efeito desejado e foi notória a evolução da turma, ao nível do empenho e dedicação à disciplina.

Muito importante também foi a relação de proximidade que mantivemos com os alunos, factor que permitiu que tivessem um maior à vontade para expor os seus problemas e dúvidas.

Aos nossos alunos não nos cansamos de repetir uma frase de Kimon Nicolaides "*a única forma de aprender a desenhar é desenhando*" (p.20). O mesmo autor revela: "*se me perguntassem qual era a coisa mais importante que fizesse um estudante aprender a desenhar, eu responderia: desenhar, incessantemente, furiosamente, pacientemente*". (p.21).

12º Ano

A postura e os métodos adoptados com esta turma foram ligeiramente diferentes das adoptadas com o 11º ano, visto que aqui estávamos perante alunos mais motivados, empenhados e trabalhadores com um visível interesse por esta área.

As propostas foram bem recebidas, e foi bastante fácil desenvolver os diferentes trabalhos. Foi adoptada uma metodologia de trabalho activa que fomentou a atitude reflexiva e critica.

Pelas características desta turma foi possível apelar ao lado mais criativo pois era fácil a leccionação dos conteúdos e matérias. Desta forma fomos planeando as nossas aulas de modo a fornecer aos alunos o máximo de

incentivos, "*estimulando e recompensando as ideias originais e promovendo as descobertas entre ideias que se encadeiam*" (Lowenfeld e Brittain, 1980, p.77). tentando estabelecer sempre novas metas para que conseguissem estar sempre em evolução e com desafios para resolver.

Procurámos não inviabilizar as suas ideias, mas conduzi-las para que os levassem à obtenção das competências nos conteúdos pretendidos.

Apesar da tendência dos alunos para se desviarem do solicitado, a nossa actuação foi no sentido de os fazer perceber que são livres para optar, desde que solucionem o '*problema*' proposto.

Esta dinâmica criada fez com que estes alunos não se desmotivassem e que para além de desenvolverem a criatividade, desenvolvessem simultaneamente a técnica. A sala de aula deve ser, como nas palavras de Betâmio de Almeida, "*um laboratório de experiências*" (1976, p.64), e foi mesmo isto que fizemos com a nossa sala de oficina multimédia,

A exigência no acompanhamento individual do trabalho foi algo crucial, importantíssimo para levar estes alunos a superar-se e a surpreender-se. Empenhamo-nos por desenvolver nestes alunos uma atitude de persistência, disciplina interior e de ambição pela qualidade que foi muito importante para o sucesso do seu trabalho.

Contudo foi sempre tida em atenção que se a dificuldade do exercício ou a exigência fossem excessivas, eles também desanimariam ou acabariam por desistir de trabalhar.

2.2. Preparação das Aulas

Na nossa pratica lectiva, procedemos no inicio do ano lectivo à elaboração das planificações de longo e médio prazo (anexo 1) em conjunto com os colegas de grupo que leccionam a mesma disciplina e o mesmo ano. Estes documentos tiveram por base os programas nacionais da disciplina e conjugam a experiência dos anos anteriores dos vários docentes envolvidos.

Este trabalho, cooperativo, tem como principais objectivos a uniformização das materiais leccionadas e a tentativa de atingir uma maior eficiência e equidade nos resultados. Este trabalho, apresenta-se de grande importância, pois estrutura os conteúdos a leccionar, os tempos a si dedicados, as actividades a realizar e as estratégias de ensino a utilizar.

Todos estes aspectos acabam por ser revistos e corrigidos ao longo de todo o ano, de acordo as características cognitivas, psicossociais e culturais dos alunos e também para irem de encontro às suas expectativas e gostos. Esta abordagem aberta em relação à planificação, permite um maior envolvimento dos alunos na sua aprendizagem e a sua consequente motivação.

As planificações realizadas, estruturaram-se por unidades de trabalho, e apresentam a súmula de conteúdos, conceitos, actividades, materiais e estratégias a utilizar.

Ultrapassada a fase de planificação foram para ambas as disciplinas definidas as formas de abordagem mais correctas para cada conteúdo e seleccionados, recolhidos e produzidos materiais de apoio, que funcionam como foco de atenção e, veiculo facilitador para o esclarecimento de ideias e conceitos, e incremento da cultura visual dos nossos alunos. A par dos materiais criados foram também seleccionados outros já existentes, que serviram de suporte às aulas, tais como revistas, prospectos, livros, filmes, documentários, brinquedos ópticos, objectos vários, etc.

Paralelamente à criação e recolha de materiais, foram sendo estruturados todos os exercícios e estratégias a utilizar. No fim de cada unidade foi também destinado tempo para a apresentação de trabalhos, discussão e avaliação.

Acreditamos verdadeiramente que uma boa preparação e organização das aulas se encontra na base do seu sucesso, pois resulta em algo que foi pensado, ponderado e reflectido por forma a atingir um determinado fim. De acordo com Arends (2008) "*a planificação aplicada a qualquer tipo de actividade melhora*" os seus resultados (p.95).

2.3 Condução das Aulas

As aulas em ambas as turmas foram pautadas pelo trabalho, cooperação e bom ambiente. Todos os problemas que foram surgindo conseguiram ser resolvidos e superados. Tentamos sempre ter uma postura que reflectisse entusiasmo, exigência, abertura para o esclarecimento de qualquer duvida e atenção às dificuldades dos alunos. Analisando os resultados obtidos, e do feedback que fomos obtendo, cremos ter alcançado um ambiente estimulante, motivador e propicio à aprendizagem e à descoberta.

As aulas forma conduzidas de forma consciente, pensada e programada, com o mesmo tipo de estrutura e abordagem em todas as unidades de trabalho, ajustando-se claro às especificidades de cada tema. Este tipo de estrutura, transmite aos alunos que existem regras e um objectivo para cada coisa que se faz, pois repetidamente ouvimos queixas por parte dos mesmos em relação às disciplinas de carácter mais prático, pois sentem que fazem determinadas coisas só por fazer e que, na realidade, "não estão à aprender nada".

Em ambas as disciplinas foram, desde o inicio, frisadas as regras de conduta dentro da sala de aula e como deveriam encarar o trabalho, levando sempre o material necessário, cumprindo os prazos de entrega empenhar-se, realizando os trabalhos de casa pedidos e sempre que se apresentem mais dificuldades trabalhar mais em casa esses aspectos. Deste modo, geraram-se rotinas de trabalho e expectativas a cumprir.

No que se refere à relação pedagógica, foi sempre próxima e amigável, sem deixar de existir no entanto a linha que distingue o professor do aluno e que garante que a voz do professor seja ouvida no que diz respeito ao trabalho, cumprimento de regras, respeito mutuo e exigência, pois em ambas as turmas

os alunos desde inicio entenderam que existia uma determinada postura a ter dentro da sala de aula, que existia exigência e era necessário trabalhar e cumprir as normas estabelecidas.

2.4 Avaliação

A avaliação dos nossos alunos apresenta-se como algo essencial e imprescindível no sistema de ensino tal como ele se apresenta nos nossos dias. Os contornos que possuem podem ser discutíveis, mas é segundo os mesmos que nos regemos e a partir dos quais tentamos tirar o melhor partido.

Arends (2008) vem dizer que a avaliação "*é uma função desempenhada pelo professor com o objectivo de recolher a informação necessária para tomar decisões correctas, e já deve ser claro que as decisões que os professores tomam são importantes para a vida do aluno*" (p. 228), este factor faz com que a reflexão sobre as questões da avaliação sejam tão pertinentes, pois ela possui no nosso sistema de ensino um peso bastante considerável, daí não poder ser feita de ânimo leve.

Lucie Ribeiro, na obra *Educação Hoje, Avaliação da Aprendizagem* (1991) diz-nos que devemos abordar a avaliação como uma atitude e um acto que deve ser constante ao longo de todo o processo de ensino e aprendizagem: antes da planificação, durante a execução das unidades, e posteriormente à execução das mesmas.

O nosso desempenho acaba, em traços genéricos, por seguir as premissas desta autora. A par desta esquematização, e de um ponto de vista mais conceptual, o mais importante na avaliação para nós**,** é que deve ser contínua e sistemática de forma a melhorar as nossas decisões sobre o processo de ensino-aprendizagem no que respeita à identificação e diagnóstico das necessidades dos alunos, servindo desta forma, uma pedagogia diferenciada, capaz de dar resposta aos interesses e dificuldades de cada aluno.

Deve também, no nosso ponto de vista, funcionar como forma de compreendermos e melhorarmos a nossa prática educativa, deve enfatizar o

controlo e progresso individuais, sendo como que um *feedback* constante do desenvolvimento global do aluno, basicamente, um meio para a percepção, para o diagnóstico e para a análise de problemas na aprendizagem.

2.4.1 Metodologia

Iniciado o ano lectivo e as diferentes disciplinas leccionadas, concebemos as diferentes unidades, e organizamo-las numa sequência de objectivos por forma a que facilitassem a aprendizagem. Consoante esses os objectivos determinamos os métodos de ensino, e os meios e materiais didácticos compatíveis com as possibilidades logísticas da nossa escola.

Neste ponto, face a uma nova turma, fizemos uso da avaliação diagnóstica que serve para averiguar se os alunos têm as competências e conhecimentos necessários (*pré-requisitos*) à disciplina e ano que vamos iniciar.

O teste diagnóstico foi desta forma realizado no início do ano lectivo, provendo-nos de dados que nos permitiram estabelecer os pontos de partida para cada uma das turmas.

A par desta prova inicial, fomos também aferindo no início de cada unidade quais os conhecimentos prévios existentes nos domínios das matérias especificas a serem leccionadas, por via da participação oral, o que permitiu o reajustamento de estratégias e das actividades planificadas com vista à superação de eventuais dificuldades e adequação às características dos alunos. Antecipadamente ficávamos a saber se seria necessário focar determinados assuntos que não estariam planificados.

Assim, em ambas as turmas, desenvolvemos um processo de avaliação que contemplou a avaliação diagnóstica, a avaliação formativa e a avaliação sumativa. Esta abordagem permitiu-nos, avaliar de forma global e completa o desempenho de cada aluno e aperfeiçoar a nossa prática pedagógica.

A avaliação formativa, ocorreu durante todo o processo, nas diferentes unidades, com o objectivo de verificar se a aprendizagem estava a correr conforme o previsto, especialmente quanto aos conteúdos e competências,

permitindo verificar a aprendizagem em pormenor, aferindo as dificuldades dos alunos, os seus pontos fortes e fracos em relação aos assuntos/matérias que estavam a ser tratados.

Foi neste sentido realizada, de forma contínua, através do acompanhamento sistemático, tendo sido utilizados para este fim alguns instrumentos de recolha de dados de acordo com as especificidades de cada trabalho e sempre de acordo com os critérios de avaliação definidos pelo grupo disciplinar, aprovados pelo Conselho Pedagógico.

A avaliação formativa, permitiu-nos reflectir sobre as nossas práticas pedagógicas, através da análise das falhas dos alunos. Pois percebemos que por vezes quando dominamos bem uma matéria, acabamos por não nos dar-mos conta da sua complexidade. Através deste sistema vamos adequando o processo de ensino-aprendizagem aos progressos e aprendizagem dos alunos, reformulando estratégias, metodologias e meios didácticos.

Segundo Pestana (2010) "*esta avaliação promove uma reestruturação do conhecimento e responde com eficácia à concepção do saber*" (p.87).

Durante todo o ano fizemos uso da avaliação formativa de forma contínua e permanente. Tendo sido os resultados, dependendo dos casos, classificados quantitativamente ou não. Esta escolha foi feita de forma a que conseguíssemos recolher e dar aos alunos informações que lhes proporcionem um *feedback* sobre a aprendizagem, regulando assim o processo através da reformulação de novas estratégias, não comprometendo os seus resultados finais.

Desta forma, os exercícios mais experimentais ou de exploração de novos materiais, não foram fruto de uma avaliação quantitativa. Todos os trabalhos desenvolvidos, foram avaliados através de critérios definidos anteriormente à sua realização e divulgados aos alunos.

A todos os exercícios avaliados quantitativamente foi atribuído um valor na escala de 0 a 20. A cotação total do exercício foi dividida com diferentes pesos pelos vários itens de avaliação, de acordo com a sua importância e segundo os objectivos determinados.

A função certificativa da avaliação, tem como objectivo aferir as aprendizagens face às exigências especificas e particulares do currículo de cada disciplina. A este tipo de avaliação chamamos de avaliação sumativa.

Esta faz o balanço da totalidade das aprendizagens e incluirá a atribuição de uma classificação, que reflecte a qualidade da aprendizagem feita.

Em ambas as disciplinas aplicamos esta avaliação no final de cada período, incidindo globalmente sobre toda a aprendizagem feita.

Especificamente na disciplina de desenho, pelo facto de se tratar de uma disciplina de exame, tivemos sempre o cuidado de basearmos o mais fielmente possível os nossos critérios, métodos e técnicas de avaliação com os critérios de correcção dos exames adoptados a nível nacional. Pretendemos, desta forma, obter resultados que se enquadrem com as exigências do exame e do programa da disciplina, preparando desde cedo os alunos para essa prova.

Acreditamos que nada dá ao professor mais informação e conhecimento da turma do que uma permanente observação do comportamento dos alunos ou a troca de opiniões bem fundamentadas aluno/aluno ou professor/aluno, ou ainda aluno/professor. Esta actuação pedagógica pode acarretar um pouco mais de trabalho mas é, sem dúvida, de grande utilidade já que os alunos "*não aprendem sozinhos*" mas aprendem uns com os outros.

Durante estes processos, alunos e professor acabam por fazer negociações, mesmo que implícitas e/ou inconscientes e não se poderá esconder que este processo se mostra muitas vezes bastante complexo.

No decorrer do ano lectivo em ambas as disciplinas, mas principalmente na disciplina de Multimédia B, atendendo à sua especificidade, utilizada uma avaliação que alguns autores apelidam por avaliação de desempenho ou avaliação autêntica, uma vez que o aluno têm de utilizar "*em simultâneo, tal como no 'mundo real', um conjunto de estratégias de aquisição e aplicação de conhecimentos, capacidades e competências processuais (…) e hábitos de trabalho*" (Portugal, Ministério da Educação, 2001).

Este tipo de avaliação era efectuada sobre propostas de carácter projetual, onde o aluno teve de desenvolver e realizar várias tarefas, directa ou indirectamente, relacionadas com a execução de um determinado produto final inicialmente definido.

Deste modo, a avaliação da aprendizagem foi efectuada através da análise do trabalho realizado pelos alunos, tendo em conta, não só o resultado final, mas todo o processo inerente às várias fases do trabalho.

Defendemos que neste tipo de avaliação, as actividades avaliadas são simultaneamente as actividades de aprendizagem, pois o aluno enquanto realiza os seus trabalhos vai mostrando os seus conhecimentos e aprendizagens efectuadas, fornecendo assim os elementos necessários para a sua avaliação, que são posteriormente analisados segundo os critérios definidos anteriormente.

Todas as modalidades da avaliação referidas foram sendo aplicadas em diferentes momentos e tempos, elas fizeram parte de um processo global de avaliação que nos permitiu obter mais conhecimento sobre cada aluno, e mais informação sobre as suas reais aprendizagens.

2.4.2 Critérios de Avaliação

Os critérios de avaliação utilizados, foram os definidos por cada grupo disciplinar no inicio do ano lectivo. Os critérios de avaliação são definido por diversos parâmetros, cada um possui um peso na cotação final, tendo em vista a obtenção de uma classificação.

Em avaliação é fundamental, o estabelecimento de critérios precisos e uniformes de forma a que os professores saibam exactamente o que devem avaliar e que os alunos saibam com o que contar. "*Os critérios impõem a construção de um referencial com o qual se comparam os resultados obtidos*" (Portugal, Ministério da Educação, 1994).

Na disciplina de Desenho A da turma do 11º ano, os critérios de avaliação utilizados foram os seguintes:

Instrumentos de Avaliação	Ponderação Percentual	
• Provas de carácter prático: Testes de avaliação sumativos;	20%	90%
• Unidades de Trabalho: trabalhos realizados durante as actividades em aula ou dela decorrentes (investigação; trabalhos individuais/grupo; tpc).	60%	
• Diário Gráfico	10%	
• observação directa das operações realizadas e das atitudes reveladas durante a execução dos trabalhos;	10%	10%

Quadro 4 – instrumentos de avaliação de desenho A, 11º ano

Critérios de classificação (fórmulas de cálculo)	
1º Período	90% (MTD1) + 10% (At1)
2º Período	90% de (MTD1+MTD2)/2+10% de (At1+At2)/2
3º Período	90% de (MT1+MT2+MT3)/3+10% de (At1+At2+At3)/3

Observações:
MTD1; MTD2; MTD3: Média dos Testes, Trabalhos e Diário Gráfico do 1º, do 2º e do 3º períodos, respectivamente.
At1; At2; At3: Atitudes no 1º, no 2º e no 3º períodos, respectivamente.

Quadro 5 – critérios de classificação de desenho A, 11º ano

Na disciplina de Oficina Multimédia B da turma do 12º ano, os critérios de avaliação utilizados foram os seguintes:

Instrumentos de Avaliação	Ponderação Percentual	
• Provas de carácter prático: 1 teste de avaliação sumativo por período.	15%	90%
• Unidades de Trabalho: trabalhos realizados durante as actividades em aula ou dela decorrentes.	75%	
• observação directa das operações realizadas e das atitudes reveladas durante a execução dos trabalhos.		10%

Quadro 6 – instrumentos de avaliação de OMB, 12º ano

Critérios de classificação (fórmulas de cálculo)	
1º Período	90% (MT1) + 10% (At1)
2º Período	90% (MT1+MT2)/2 + 10% (At1+At2)/2
3º Período	90% (MT1+MT2+MT3)/3 + 10% (At1+At2+At3)/3

Observações:
MTD1; MTD2; MTD3: Média dos Testes e dos Trabalhos do 1º, do 2º e do 3º períodos, respectivamente.
At1; At2; At3: Atitudes no 1º, no 2º e no 3º períodos, respectivamente.

Quadro 7 – instrumentos de avaliação de OMB, 12º ano

Em ambas as disciplinas, foram elaboradas várias grelhas com critérios específicos para a avaliação das diferentes unidades de trabalho consoante a sua especificidade.

Tal como foram elaboradas outras grelhas de avaliação como é exemplo a grelha que referente às atitudes.

Independentemente da avaliação a ser feita os alunos foram sempre religiosamente informados de todos os critérios de avaliação tal como dos pesos respectivos.

Defendemos acerrimamente a participação dos alunos na avaliação, e para que tal aconteça os mesmos tem de ser conhecedores de todos os critérios e instrumentos que serão utilizados.

Neste sentido tivemos sempre o cuidado de informar os alunos antecipadamente mostrando as grelhas que fomos elaborando durante o ano e mostrando também sempre as mesmas grelhas preenchidas após o processo de avaliação.

Pois apesar de vários autores discordarem e considerarem mesmo uma má prática, pela nossa experiência temos vindo a verificar que é muito diferente para o aluno saber que teve um 14 ou saber exactamente que classificações obteve em cada parâmetro que o levaram a obter o tal 14.

Este sistema fornece do nosso ponto de vista credibilidade e transparência a todo o processo e faculta aos alunos informações essenciais, tais como em que pontos específicos falhou e quais os seus grandes pontos fortes.

Desta forma a avaliação em ambas as turmas foi um processo claro, e aberto à critica e à discussão.

2.4.3 Outros Elementos de Avaliação

Na avaliação final de cada período foram tidas em consideração as atitudes manifestadas durante o decorrer do mesmo.

Este descritor não foi quantificado directamente na avaliação dos trabalhos desenvolvidos em aula, mas sim na nota de final de período, de acordo com as orientações pré-estabelecidas pela escola.

Para a sua aferição recorremos à observação directa em aula dos comportamentos e atitudes dos alunos no decorrer das actividades. Estas informações foram registadas numa grelha concebida para o efeito.

ATITUDES
• Responsabilidade (é assíduo e pontual, esforça-se na realização das tarefas, organiza o caderno diário ou portefólio auto avalia-se, é cuidadoso com a higiéne e segurança no trabalho…); • Participação (está atento, responde quando solicitado, intervém espontaneamente, participa em actividades de projecto e/ou complemento curricular…); • Espírito crítico (analisa os resultados de forma crítica, fundamenta as opiniões, não aceita conclusões sem reflexão e discussão…); • Autonomia(toma iniciativa para a resolução de tarefas, realiza o trabalho de pesquisa extra-aula, organiza o seu plano de trabalho, procura soluções para situações novas…); • Cooperação (colabora e é solidário com os colegas, não provoca incidentes perturbadores, aguarda que lhe seja dada a palavra, é receptivo à diversidade cultural, respeita as regras…).

Quadro 8 – descritores da avaliação das atitudes

Na disciplina de desenho devido ao facto de ser fundamental o trabalho continuo e sistemático à disciplina, foi proposto aos alunos a realização de três registos gráficos (mínimo) semanais, segundo os temas que fornecemos logo no inicio do ano lectivo (anexo 2).

Este trabalho foi avaliado semanalmente, nas aulas de 135 minutos, de forma a tornar o mais possível esta actividade num hábito. Estes registos obtiveram 10% de peso na nota final de cada período. Na sua avaliação foram considerados aspectos referentes à exploração de diversas escalas de objectos e escalas de representação, o uso regular e o progresso ao longo do tempo, a variedade de conteúdos descritivos, informativos e sintéticos.

2.4.4 Auto-Avaliação – após cada unidade e no final de cada período

No termino que cada unidade os alunos de ambas as disciplinas foram levados a realizar uma pequena reflexão oral sobre o seu trabalho e desempenho, mostrando aos colegas o seu trabalho.

Esta actividade que se pode inserir no âmbito da avaliação, encontra a sua pertinência, na medida em que promove a auto-reflexão, a partilha de experiencias e conclusões. Tornando-se extremamente útil tanto para o aluno que apresenta e defende o seu trabalho como para os restantes colegas que o ouvem e aprendem através da observação de exemplos.

Ao professor, esta actividade acaba por ser uma retrospecção de todo o trabalho desenvolvido na unidade e um feedback dos alunos sobre a mesma, permitindo desta forma ir limando alguns detalhes, de unidade para unidade.

No final de cada período os alunos preencheram uma ficha de auto-avaliação e oralmente reflectiram sobre a nota que consideravam merecer, tecendo alguns comentários e observações ao seu desempenho e ao funcionamento das aulas. Na nossa opinião as fichas de auto-avaliação facultam indicações de grande utilidade ao professor.

De forma geral, da leitura e análise que fizemos das fichas de auto-avaliação percebemos que os trabalhos na sua maioria tinham sido apreciados positivamente, que a maioria dos alunos defendia ter-se esforçado ao máximo e que estavam satisfeitos de algum modo com a sua evolução ou com os resultados obtidos.

Quanto à classificação que os alunos julgaram merecer, foi, na maioria dos casos, semelhante à classificação atribuída pelo professor, pois durante todo o ano os alunos foram sempre sendo informados das suas classificações e os respectivos pesos no avaliação. Podendo mesmo consultar as tabelas que iam sendo preenchidas com os seus resultados.

2.5 Unidade de trabalho significativa como exemplo da pratica desenvolvida

Neste capitulo será exposta e descrita detalhadamente uma unidade de trabalho realizada no âmbito da disciplina de Desenho A do 11º ano.

2.5.1 Unidade - Características gerais da forma (desenho A)

A unidade de trabalho a tratar, foi concretizada em meados do primeiro período e teve a duração de onze blocos. A esta unidade foi dado o nome de Características gerais da forma, os conteúdos associados a esta unidade foram a Visão, Materiais, Procedimentos e Sintaxe.

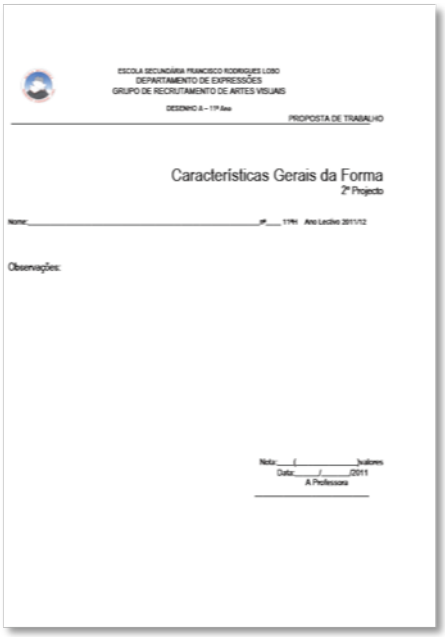
Pretendeu-se com este trabalho que os alunos desenvolvessem as seguintes competências; *observar e analisar*, associado ao desenvolvimento da capacidade de observar e registar com elevado poder de análise; *manipular e sintetizar* associado à capacidade de aplicar correctamente diferentes procedimentos e técnicas criando imagens novas e, por fim, *interpretar e comunicar* ligado há habilidade de ler criticamente mensagens visuais de origens diversificadas, utilizando a criatividade e a invenção em metodologias de trabalho faseadas.

2.5.2 Organização da Unidade de Trabalho

Antes de iniciar a unidade de trabalho, foram definidos todos os exercícios a realizar de forma a atingir os objectivos pretendidos. Foram também estipulados os materiais riscadores a utilizar, técnicas de expressão plástica e os tempos de realização de cada trabalho. (anexo 3). Finda a fase de planificação, foi criada uma ficha de trabalho/apoio, com três áreas distintas que respondem a objectivos diferentes. (anexo 4)

A ficha realizada é impressa em formato A3 e encontra-se desenhada de forma a poder ser dobrada ao meio, funcionando desta forma

também como capa que conterá todos os trabalhos do aluno correspondentes a essa unidade de trabalho.


ESCOLA SECUNDÁRIA FRANCISCO RODRIGUES LOBO
DEPARTAMENTO DE EXPRESSÕES
GRUPO DE RECRUTAMENTO DE ARTES VISUAIS
DESENHO A – 11º Ano
PROPOSTA DE TRABALHO

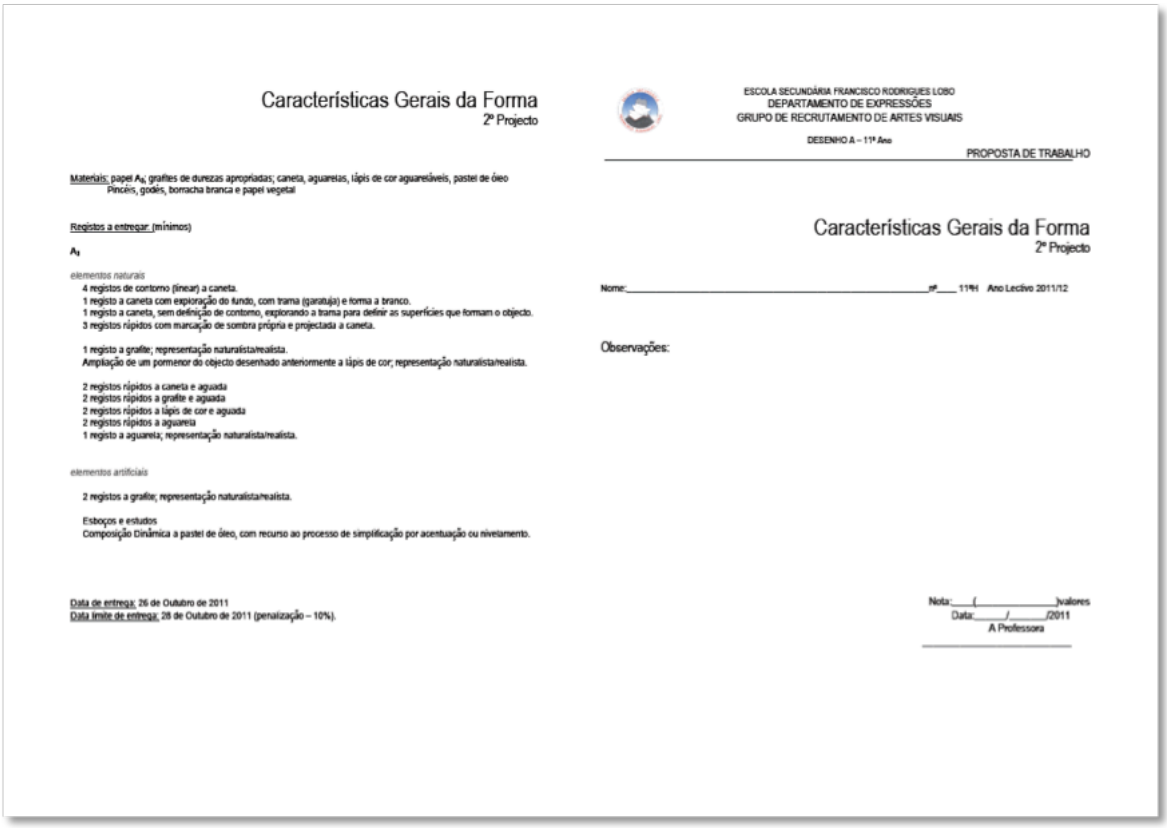
Características Gerais da Forma
2º Projecto

Nome:_____nº____ 11ºH Ano Lectivo 2011/12

Observações:

Nota:____(_____)valores
Data:____/____/2011
A Professora

Na parte da frente da ficha encontra-se o nome da unidade de trabalho e campos destinados à identificação do aluno e a observações a preencher no final pelo professor. Neste campo são colocadas algumas considerações importantes sobre o trabalho desenvolvido pelo aluno e identificados os principais problemas detectados e forma de os superar, encontra-se ainda um campo onde é colocada a nota obtida nessa unidade de trabalho.


Características Gerais da Forma
2º Projecto

Materiais: papel A_4; grafites de durezas apropriadas; caneta, aguarelas, lápis de cor aguareláveis, pastel de óleo
Pincéis, godés, borracha branca e papel vegetal

Registos a entregar (mínimos)

A_4

elementos naturais
4 registos de contorno (linear) a caneta.
1 registo a caneta com exploração do fundo, com trama (garatuja) e forma a branco.
1 registo a caneta, sem definição de contorno, explorando a trama para definir as superfícies que formam o objecto.
3 registos rápidos com marcação de sombra própria e projectada a caneta.

1 registo a grafite; representação naturalista/realista.
Ampliação de um pormenor do objecto desenhado anteriormente a lápis de cor; representação naturalista/realista.

2 registos rápidos a caneta e aguada
2 registos rápidos a grafite e aguada
2 registos rápidos a lápis de cor e aguada
2 registos rápidos a aguarela
1 registo a aguarela; representação naturalista/realista.

elementos artificiais

2 registos a grafite; representação naturalista/realista.

Esboços e estudos
Composição Dinâmica a pastel de óleo, com recurso ao processo de simplificação por acentuação ou nivelamento.

Data de entrega: 26 de Outubro de 2011
Data limite de entrega: 28 de Outubro de 2011 (penalização – 10%).

ESCOLA SECUNDÁRIA FRANCISCO RODRIGUES LOBO
DEPARTAMENTO DE EXPRESSÕES
GRUPO DE RECRUTAMENTO DE ARTES VISUAIS
DESENHO A – 11º Ano
PROPOSTA DE TRABALHO

Características Gerais da Forma
2º Projecto

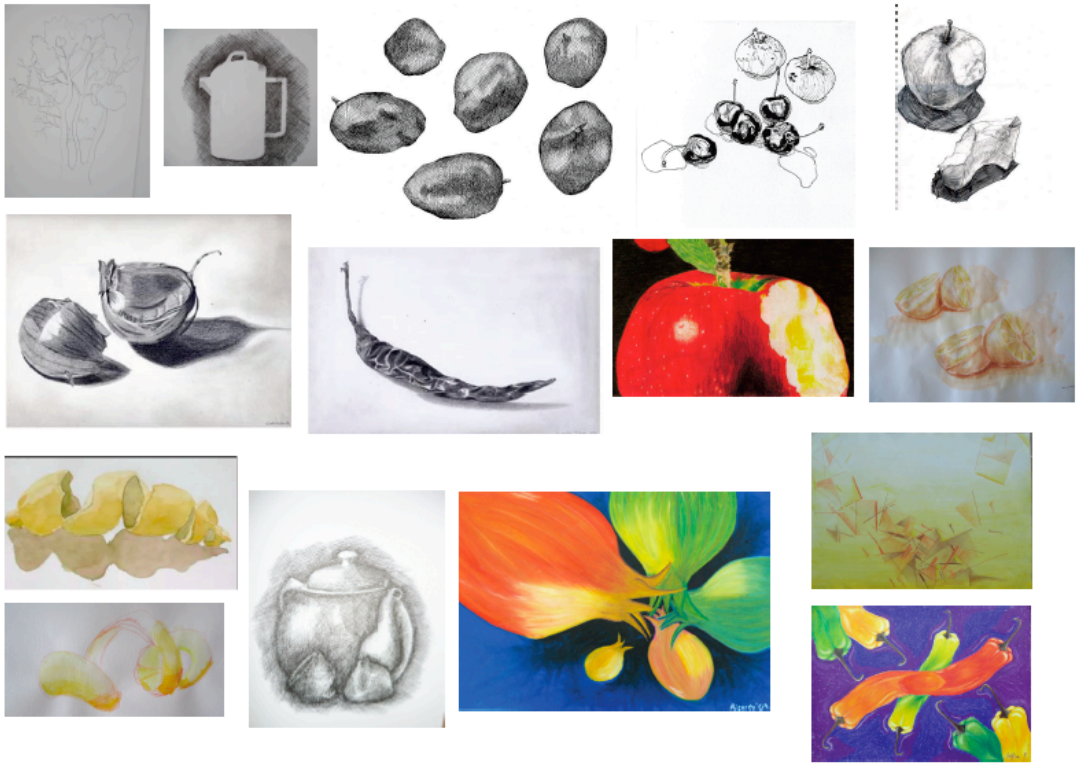
Nome:_____nº____ 11ºH Ano Lectivo 2011/12

Observações:

Nota:____(_____)valores
Data:____/____/2011
A Professora

Na parte de trás da ficha encontram-se descritos todos os materiais que irão ser utilizados, a lista de trabalhos a realizar em aula e as datas de entrega.

No interior da ficha, encontra-se uma compilação de diferentes imagens que servem de ajuda à explicação dos exercícios a realizar, assim, sempre que é proposto um exercício é pedido também aos alunos para abrirem a sua ficha e são então analisadas as imagens exemplificativas colocadas para o efeito.



2.5.3 Trabalhos Realizados

Na primeira aula da unidade de trabalho foram dadas algumas noções de enquadramento, peso visual e equilíbrio e feitas varias ilustrações exemplificativas no quadro. No final foram colocadas algumas questões às quais os alunos responderam indo ao quadro elaborar um esquema. De seguida foi apresentado um powerpoint com algumas imagens, que foram analisadas com os alunos de acordo com a informação que tinha sido previamente dada. (anexo 5).

Desta forma a abordagem inicial passou pela explicação de alguns conceitos estruturante e a sua discussão e analise prática com os alunos. No decorrer desta apresentação os alunos tiveram uma participação activa, existindo uma saudável discussão de ideias.

Isto promoveu não só a consolidação dos novos conceitos ligados às questões de enquadramento e composição, como também de incremento à cultura visual.

Durante os momentos expositivos das aulas houve sempre a preocupação de manter um discurso claro e estimular a interacção através da introdução de perguntas e debates sobre os conteúdos apresentados.

Foram então distribuídas as fichas de trabalho, explicado aos alunos em que consistia a unidade, quais os seus principais objectivos, a sua duração e data de conclusão, e divulgados os critérios de avaliação específicos dos vários trabalhos da unidade através da projecção da grelha de avaliação que iria ser utilizada posteriormente.

Nas aulas que se seguiram, foram propostos vários exercícios de desenho à vista primeiramente de objectos naturais e depois de objectos artificiais e exploradas diferentes técnicas e materiais, com um grau de dificuldade crescente. (anexo 6).

Elementos naturais, contorno aparente

Elementos artificiais, representação naturalista

Antes do inicio de cada exercício, o mesmo era explicado cuidadosamente e referido qual o seu objectivo, ou seja, era explicado em que é que a realização desse exercício contribuía para o melhoramento das suas capacidades de análise, registo e síntese.

Era também chamada a atenção dos alunos para os exemplos presentes na sua ficha de trabalho e em alguns casos mostrados mais exemplos através da projecção de imagens seleccionadas para o efeito, ou de livros levados para a aula.

Os alunos foram sempre chamados à atenção para o cuidado que deveriam ter com o enquadramento, qualidade do traçado, correcta aplicação do material, proporção, entre outros aspectos.

À medida que foram sendo explorados diferentes materiais riscadores foram sempre dadas indicações da sua correcta utilização e como poderiam potenciar determinado material na procura de um registo mais expressivo e ou realista.

No final da unidade foi desenvolvido um trabalho de carácter exploratório e criativo, passando assim da simples representação do objecto real tridimensional, para uma abordagem criativa em que o aluno teve de criar uma composição dinâmica a pastel de óleo com recurso ao processo de simplificação por nivelamento ou acentuação. Os elementos a utilizar para a criação desta composição seriam seleccionados pelos alunos de um dos seus trabalhos da unidade. Para a execução deste trabalho foram apresentados três power points, um sobre as técnicas de pintura e desenho com pastel de óleo (Anexo 7), outro sobre os conceitos de movimento e ritmo (Anexo 8) e por fim sobre os processos de simplificação(Anexo 9). A par destas abordagens foram colocadas em prática as noções de composição, peso visual e dinamismo abordadas no inicio da unidade.

No final, os alunos apresentaram aquele que consideraram ser o seu melhor trabalho de desenho, justificando o porquê da escolha e fazendo uma breve análise do mesmo, e apresentaram também a sua composição gráfica, fundamentando as suas escolhas no que respeita à composição, organização dos elementos gráficos e técnica.

Durante toda a actividade, demos apoio individualizado aos alunos e recorremos à avaliação através da observação directa em aula da apreciação dos produtos finais.

No final da actividade todas as capas com os trabalhos foram recolhidas, procedendo-se à avaliação dos trabalhos. Em tempo útil os mesmos foram entregues aos alunos com as respectivas observações escritas e nota final da unidade.

III PARTICIPAÇÃO NA ESCOLA

A participação na escola, dividiu-se em várias vertentes; enquanto directores de turma, coordenadores da disciplina de Oficina Multimédia B e professores.

Como Directores de Turma do 12º ano do curso de Artes Visuais, procuramos responder eficazmente às exigências do cargo, garantindo uma boa gestão e mediação da turma. Ao longo do ano, foi feito um trabalho de aproximação aos alunos, professores do conselho de turma e encarregados de educação. Esta relação de proximidade, permite uma melhor e eficaz comunicação entre os diferentes interveniente do processo de ensino-aprendizagem.

Todos os processos burocrático e administrativos relativos à direcção de turma, foram eficazmente tratados. Foi feito ao longo do ano um controle apertado dos alunos, no que se refere a faltas, comportamento e desempenho nas diferentes disciplinas.

Cumprimos também de forma célere as 12 horas obrigatórias destinadas ao projecto PESES (*Projecto de Educação para a Saúde e Educação Sexual*), tentando ao máximo que as actividades desenvolvidas conseguissem ser aproveitadas como ponte à abordagem de novos conteúdos em aula ou como foco para uma discussão mais alargada das próprias matérias da disciplina.

Demos também apoio em vários assuntos, sempre que solicitados, ou quando sentíamos ser necessário. Poderemos dar como exemplo uma sessão de esclarecimentos que promovemos sobre o acesso ao ensino superior, por notarmos uma grande indecisão e angústia nos alunos. Desta forma, entramos em contacto com a psicóloga da escola que nos ajudou a organizar esta sessão, que decorreu no final do 1º período (7 de Dezembro). Foi possível, assim orientar e esclarecer correctamente os alunos, suprindo uma necessidade da turma.

Com os encarregados de educação, procuramos manter-nos disponíveis, com o compromisso de mantê-los sempre informados acerca do percurso dos seus

educandos. Os contactos foram feitos por carta, telefone ou durante o horário de atendimento.

Torna-se importante referir a grande afluência de encarregados de educação durante o horário de atendimento e nas reuniões que foram convocadas no inicio e no final dos períodos. Podemos dizer que de forma geral se trataram de pais muito presentes, atentos e participativos na vida escolar dos seus filhos, tendo sem duvida sido um factor determinante no seu sucesso e aproveitamento escolar. Vimos desta forma comprovar a real importância de um atento acompanhamento parental.

Com os professores do conselho de turma, mantivemos uma boa relação o que permitiu resolver eficazmente todas as situações que surgiram no decorrer do ano. O contacto foi feito através de reuniões, conversas informais e email.

Enquanto coordenadores da disciplina de Oficina Multimédia B, foi feito um esforço de coordenação com o outro colega que lecciona a disciplina, de forma a garantir um bom entendimento e trabalho de equipa. Para tal foram realizados encontros informais e convocadas duas reuniões de coordenação por período, foi também trocado material didáctico e impressões por email.

Pensamos ter realizado um bom trabalho neste sentido e conseguido um frutífero trabalho de equipa que beneficiou em qualidade e eficácia os alunos, impedindo algum desequilíbrio no que respeita aos conteúdos leccionados e critérios de avaliação.

Paralelamente ao trabalho realizado em aula foram feitas exposições, visitas de estudo, criação de plataformas Web de divulgação de trabalhos e conteúdos, participação nas datas festivas da escola e foi feita a alteração do Design gráfico e visual do site da escola a pedido da direcção da mesma.

3.1 Actividades e projectos

Ao longo do ano dinamizamos algumas actividades na escola e participamos em outras organizadas por diferentes colegas e alunos, quando solicitados.

Criamos diferentes actividades e trabalhamos sobre temas e suportes distintos. Na nossa opinião, construímos um percurso que afirmou o nosso lugar na escola, pois sentimos que existe respeito e admiração pelo nosso trabalho.

3.2 Exposições

No decorrer do ano lectivo foram organizadas várias exposições por forma a divulgar os trabalhos dos alunos e dinamizar o espaço escolar. A exposição dos trabalhos, é um motivo de orgulho para os alunos e serve assim como veiculo motivador e potenciando o seu sucesso escolar.

3.2.1 Exposição Existem mulheres filosofas?

No mês de Novembro foi realizada uma exposição no átrio da escola, com o titulo: “Existem mulheres filósofas?”, esta exposição integrou um conjunto de outras exposições dinamizada pelas disciplinas de Filosofia, Psicologia e Sociologia.

Estiveram expostos alguns trabalhos das turmas do 11º ano de Desenho e foi uma actividade em conjunto com a disciplina de filosofia.

3.2.2 Exposição Nós em A2

No mês de Dezembro montamos uma exposição intitulada “nós em A2”, no átrio da escola. Esta exposição integrou um dos trabalhos resultantes da unidade do desenho da figura humana da nossa turma do 11º ano.

Estiveram então expostos todos os auto-retratos da turma, sem existir aqui uma selecção de qualidade, pois pretendemos mostrar todos os elementos da mesma como se de um retrato de grupo se trata-se.

3.2.3 Exposição Perspectivas do 11ºH

No mês de Abril, foi montada um exposição intitulada “Perspectivas”, a mesma contou com os trabalhos da nossa turma de Desenho do 11º ano e reuniu apenas trabalhos da unidade de perspectiva cónica. A exposição foi montada no corredor onde se encontram as salas de arte, por sugestão dos próprios alunos da turma, como forma de descentralizar o local das actividades e chamar a outros locais da escola toda a comunidade.

Tratou-se de uma exposição com trabalhos apenas de uma turma, como forma de dar mais destaque à sua individualidade, pois por norma acabamos por seleccionar sempre trabalhos de várias turmas por uma questão de logística. Por este motivo, esta exposição acabou por merecer um maior entusiasmo por parte dos alunos.

3.2.4 Exposição colectiva da disciplina de Desenho A

No mês de Maio, juntamente com os colegas da disciplina de Desenho, foi organizada uma exposição da disciplina, tendo sido seleccionados os melhores trabalhos realizados pelos alunos dos 10º, 11º e 12º anos. A exposição teve lugar no átrio, integrando as comemorações do dia da escola.

Esta exposição pretendeu divulgar à comunidade escolar os trabalhos realizados na disciplina nos diferentes anos de escolaridade.

3.2.5 Exposição de desenho arqueológico

No mês de Junho, montamos no átrio da escola uma pequena exposição dos trabalho realizados pela nossa turma, na disciplina de Desenho na unidade referente ao Desenho Arqueológico.

Esta exposição não estava previamente programada, mas foi realizada a pedido dos alunos. Optamos assim por montar esta exposição na última semana de aulas, apanhando desta forma a semana em que os encarregados de educação vão à escola às reuniões de fim de ano e ver as notas dos seus educandos.

3.2.6 I Mostra de Arte e Design da Escola Secundária Francisco Rodrigues Lobo

Durante as comemorações do dia da escola (4 de Maio) algumas personalidades locais visitaram a mesma. Face à qualidade dos trabalhos de desenho exposto à data no átrio da escola o grupo de professores de artes foram convidados a seleccionar trabalhos das diferentes disciplinas para expor durante o mês de Agosto no antigo edifício do Banco de Portugal.

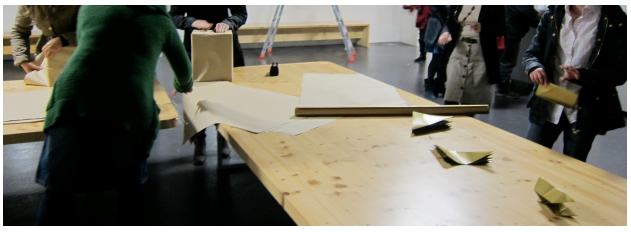
Para esta mostra serão seleccionados os melhores trabalhos de Desenho, Multimédia, Oficina de Artes e do curso profissional de design de interiores e exteriores. Após a reunião de grupo ficamos encarregues da selecção final dos trabalhos de Desenho e Multimédia e iremos participar na montagem durante o mês de Julho.

Ficamos bastante satisfeitos com este convite e com a realização desta mostra, pois acaba por ser um reconhecimento da dedicação e do trabalho que temos vindo a realizar com os nossos alunos.

3.3 Workshop de Origami

Fruto de algumas sugestões, organizamos um workshop de origami aberto a toda a comunidade, participaram professores de várias áreas e alunos, tendo sido marcado, pelo entusiasmo, bom ambiente, entreajuda e consequente dinamização do átrio da escola, local onde colocamos mesas longas e se desenrolaram os trabalhos.

Neste workshop aprendeu-se sobre a técnica de origami e foram construídas dois tipos de estrelas, com as quais foi realizada a decoração de natal. A decoração resultante foi fruto de inúmeros elogios por parte de alunos, professores, funcionários e encarregados de educação.



4.2.3 Visitas de estudo

Consideramos que as visitas de estudo podem ser muito importantes no processo de ensino-aprendizagem, dado que combinam na perfeição duas vertentes, a vertente lúdica, ligada ao passeio, à saída da rotina diária e, por outro lado, contribuem para a assimilação de conteúdos, propiciam a descoberta e comparação com trabalho desenvolvido dentro da sala de aula. São momentos significativos que permitem também uma maior aproximação entre professores e alunos.

De acordo com Monteiro (2002) "*Mais importante que os conhecimentos que se adquirem, são as descobertas mútuas que se proporcionam*" (pp.171-197)

A visita de estudo motiva os alunos para uma aprendizagem interdisciplinar, onde fruição-contemplação, reflexão-intervenção são processos estimulados. É

uma estratégia educacional que promove a inter-relação entre teoria e prática, a escola e a realidade artística, cultural ou outra. Para que tal aconteça, as visitas de estudo envolvem trabalho, planificação, preparação e vários contactos.

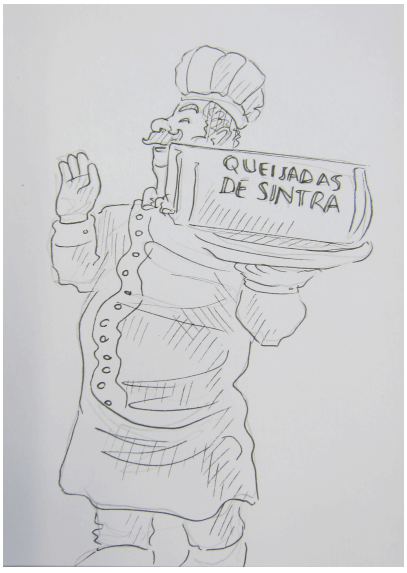
As visitas que realizamos pretenderam ser uma síntese do trabalho desenvolvido ou em curso dentro da sala de aula, ao mesmo tempo que serviu de pretexto para o questionamento e reflexão sobre os mais diversos conteúdos.

Visita à casa das histórias e a Sintra

Foi realizada a 15 de Março uma visita de estudo a Lisboa-Sintra, onde se visitou a casa das historias da Paula Rego e se realizou uma espécie de caça ao tesouro em Sintra.

Em Cascais, na casa das histórias foi feita uma visita guiada à exposição por forma a complementar o que ia sendo visto, pois acreditamos ser importante aprender a compreender o significado daquilo que vemos, até porque quando não compreendemos minimamente o que vemos acabamos até por nem desfrutar do seu simples prazer estético.

Já em Sintra foi dado, aos alunos um mapa, que continha um trajecto que deveriam fazer. Foi marcada um hora e o ponto de encontro e os alunos juntaram-se em grupos fizeram o seu percurso e foram registando no seu diário gráfico os pontos de interesse que estavam marcados no mapa fornecido.



Todas as actividades desenvolvidas decorreram sem percalços, conforme o previsto, favorecendo a aproximação de alunos e professores.

3.5 Criação de plataformas Web de divulgação de trabalhos e conteúdos

Por motivos distintos foram criados dois blog, um no âmbito da disciplina de desenho outro para oficina Multimédia.

No inicio do ano lectivo, propusemos aos colegas do grupo disciplinar de desenho, a criação de um blog onde seriam colocadas imagens dos trabalhos realizados em aula, registos gráficos, documentos de apoio e divulgação de actividades.

Este blog foi sendo actualizado ao longo do ano por nós e por apenas mais um professor, apesar da fraca adesão ao projecto, a plataforma criada despertou bastante interesse por parte dos alunos e da própria escola, que colocou um link de acesso ao blog na sua página.

Esta iniciativa foi um grande motivo de orgulho para os alunos e uma forma, segundo o que nos fomos apercebendo de mostrarem em casa aos pais e amigos o que iam fazendo. O mesmo pode ser consultado em http://desenhoesfrl.wordpress.com.

Para Oficina Multimédia, criamos um blog de auxilio à leccionação da disciplina, neste blog, foram sendo colocados alguns documentos, imagens, tutoriais, entre outros documentos pertinentes para o desenrolar das aulas (http://oficinademultimedia.wordpress.com).

Nesta plataforma encontram-se os blogs individuais, criados pelos alunos, no inicio do ano. Neles constam os seus trabalhos, pesquisas e reflexões.

Este blog pessoal, criado por cada aluno, teve como objectivo a divulgação e a apresentação dos projectos e trabalhos realizados, dentro e fora das aulas, como estímulo e sensibilização para a partilha e divulgação do seu trabalho,

na medida em que os conteúdos colocados no blog ficam acessíveis a todos. Foi também uma forma de solucionar a recolha dos trabalhos para a avaliação.

Na nossa opinião, os blogs podem ser uma ferramenta muito útil no contexto educativo, dada a facilidade da sua implementação e gestão, e por permitirem uma grande interactividade. Verificamos que os blog podem funcionar como agentes motivadores, e devem ser utilizados sempre que seja pertinente em prol da educação.

As vantagens que se retiraram com a sua utilização, relacionaram-se directamente com a possibilidade de divulgação de conteúdos, investigações e produções próprias, o que resulta em algo parecido com um portfólio virtual no processo ensino/aprendizagem.

É sem dúvida, importante tirar proveito desta ferramenta que tanta aderência tem tido junto das camadas mais jovens. A notoriedade que um blog acarreta, proporciona a divulgação e a partilha de ideias, conteúdos e materiais com outros estudantes e professores.

Tivemos uma preocupação constante, quando não interferíamos directamente na escolha dos trabalhos e conteúdos publicados, educar e sensibilizar os alunos para questões ligadas aos direitos de autor, e outros assuntos relacionados com o desenvolvimento do blog com o fim de tentar manter os objectivos bem delineados.

Em conclusão penso que foi um projecto útil e proveitoso, na medida em que permitiu a divulgação de trabalhos, troca de experiências, bem como proporcionou a discussão de vários temas dentro da sala de aula, que foram de grande importância para todos os intervenientes.

3.6 Participação nas datas festivas

No decorrer do ano lectivo participamos activamente em todas as actividades que foram sendo dinamizadas na escola, dando alguma ajuda na organização, montagem e desmontagem, e acompanhando as turmas sempre que solicitado.

3.7 Alteração do aspecto gráfico e visual do site da escola

No inicio do ao lectivo, foi-nos pedido que apresentássemos uma proposta de alteração da organização e aspecto gráfico da pagina Web da escola. Foram nesta sequência, desenvolvidas várias propostas. As mesmas foram apresentadas numa reunião para o efeito a vários elementos da escola, convocados pela direcção. A proposta escolhida foi sendo gradualmente implementada ao longo do ano. (anexo10)

A nova organização do site e aspecto gráfico do mesmo tem merecido vários comentários de agrado.

IV. DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL

Numa profissão como a nossa, em que existe um grande conjunto de variáveis que intervêm e interferem nos processos educativos, torna-se essencial que estejamos sempre atentos e informados de forma a escolher as melhores estratégias para superar todos os imprevistos que podem acontecer numa escola e numa sala de aula.

Para tal, devemos associar à experiência, os novos conhecimentos que vão emergindo, e foi neste sentido, que desenvolvemos várias estratégias que enriquecessem e melhorassem o nosso desempenho. Destacamos algumas leituras de textos decorrentes de pesquisas bibliográficas efectuadas sobre assuntos alusivos à prática educativa e a conteúdos leccionados por forma a ampliar o nosso conhecimento científico sobre os temas tratados nas aulas; a partilha de experiências com os colegas do grupo, visto que a melhoria do nosso desempenho, passa também pela análise do desempenho de outros.

Estivemos presentes em algumas apresentações de manuais escolares, de forma a estarmos actualizados e recolher informações, novos materiais, ideias e abordagens e mantivemo-nos activos na investigação e construção de conhecimentos, principalmente na área da arte e educação especial.

Este empenho e trabalho acabou por merecer o reconhecimento do instituto Superior de Ciências Educativas que nos convidou a integrar o painel de oradores do 1º congresso de educação especial, no qual participamos no final do mês de Maio. Neste congresso tivemos a oportunidade de conhecer e debater novos estudos e partilhar publicamente a nossa investigação.

Penso que somo profissionais atentos e empenhados na busca de novos saberes e isso incrementa a qualidade do nosso trabalho e consequentemente a formação dos nossos alunos

V. CONCLUSÃO / CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste relatório constam, algumas reflexões e descrições sobre a nossa prática profissional. Estas reflexões combinam a experiência docente com as teorias de diversos autores de referência, nomeadamente da área das ciências sociais e humanas.

O relatório é referente ao ano lectivo 2011/2012 e incide sobre todo o trabalho desenvolvido por nós na ESFRL, desde a fase da planificação e leccionação das várias disciplinas às actividades extra-lectivas realizadas na escola.

A elaboração deste relatório, revelou-se muito enriquecedor, pois levou-nos a realizar uma reflexão mais atenta e profunda do nosso desempenho, do que aquela que diariamente costumamos fazer. Acreditamos que esta experiência, contribuiu para a nossa formação enquanto professores, fazendo de nós observadores mais atentos e docentes mais sensibilizados para questões de ordem teórica e prática.

Podemos dizer que todo este trabalho foi facilitado, porque existe verdadeiro entusiasmo e prazer naquilo que fazemos.

Acreditamos que esta motivação pessoal é aquilo que nos faz continuar a apostar nesta profissão, e a trabalhar com todo o afinco, apesar de não ser de todo uma profissão que nos ofereça hoje em dia grandes perspectivas futuras. Isto entristece-nos bastante, pois nunca sabemos se este será o nosso ultimo ano, contudo tudo se esquece quando temos a recompensa de estar a fazer aquilo que mais gostamos, mesmo que seja pela ultima vez.

Apesar de ser uma frase cliché, não deixa de ser uma enorme verdade, de que "*ensinar é ao mesmo tempo aprender*" e queremos completar esta afirmação com algumas novas premissas, pois ensinar é também saber observar, estar atento aos comportamentos, admitir um erro, é saber receber aquilo que os nossos alunos têm para nos dar, aproveitar e transformar essa informação. Não é suficiente o gosto pela docência é também importante que estejamos bem preparados não só no conhecimento específico e técnico da matéria a leccionar, como no conhecimento geral, envolvendo uma cultura ampla às diferentes teorias e propostas que possam existir.

Cremos ser professores informados dos métodos e técnicas de ensino mais adequadas a cada faixa etária, atentos às diferenças individuais e capazes de conceber e desenvolver projectos pedagógicos criativos e motivadores, pelo menos é neste sentido que canalizamos todo o nosso esforço.

Somos atento às características das turmas, ao seu desenvolvimento social e cognitivo e procuramos sempre potenciar as suas capacidades individuais, visto que a realidade das nossas escolas é cada vez mais um espelho de uma sociedade progressivamente mais complexa e heterogénea. Apesar de muito se falar desta heterogeneidade assente nas diferenças de cada um, estas associam-se habitualmente a um sentimento de incompreensão ou de intolerância, que a transforma muitas das vezes em factor de exclusão, apesar de paradoxalmente, ser a diversidade de características e capacidades humanas o dominante, entre indivíduos.

Outra das nossas grandes preocupações passa por tentar que os nossos alunos sejam capazes de fazer escolhas adequadas, pois tal como diz Cury, (2004), os jovens que são "*determinados, criativos e empreendedores sobreviverão no sistema competitivo. Os que não têm metas nem ousadia para materializar os seus projectos poderão viver à sombra dos pais e engrossar a massa de desempregados*." (p. 152). Também Ricouer (1960) citado por Cury afirma " *Precisamos formar jovens que façam a diferença no mundo, que proponham mudanças, que resgatem o seu sentido existencial e o sentido das coisas.*" E nós enquanto professores temos o dever de trabalhar neste sentido, e que área melhor que a das artes para isso? A educação artística é sem dúvida no nosso entender, uma peça chave para a educação das nossas crianças e jovens.

Observamos no decorrer do ano que os alunos estiveram motivados durante a realização dos seus projectos, e na elaboração de todos os exercícios propostos.

Acreditamos que a forma de ensinar que utilizamos, tal como a postura que adoptamos, se revelou muito correcta pois conseguimos que ambas as turmas chegassem ao final do ano lectivo com bons resultados.

Queremos continuar durante toda a nossa carreira a pesquisar e a criar projectos pedagógicos estimulantes, continuar a aprender com a partilha de experiências, com a experimentação, com a abordagem criativa de problemas. Contribuindo assim para uma escola centrada no aluno, em que todos trabalhamos com um objectivo que é o de criar cidadãos capazes e realizados.

VI. BIBLIOGRAFIA

6.1 Referências Bibliográficas

ALBARELLO, L., Digneffe, F., Hiernaux, J., Maroy, C., Ruquoy, D. & Saint-Georges, P. (2005). *Práticas e métodos de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.

ALMEIDA, S. T. (2006). *O graffiti no contexto educativo: um projecto de investigação numa perspectiva interdisciplinar*. Tese de mestrado apresentada à Universidade de Aveiro, Aveiro.

ARENDS, Richard, (2008), *Aprender a Ensinar*. 7ª ed., Espanha, Mc Graw Hill.

BARRETT, Maurice (1979). *Educação em arte*. Lisboa: Editorial Presença.

BEST, David (1996). *A racionalidade do sentimento, o papel das artes na educação*. Porto: Edições ASA.

BETÂMIO de Almeida, (1976). *A Educação Estético-visual no Ensino Escolar*. Lisboa: Livros Horizonte

CANÁRIO, Rui (1992) *Inovação e Projecto Educativo de Escola*, Lisboa: Educa Editora

CURY, Augusto (2004) *Pais brilhantes, professores fascinantes. Como formar jovens felizes e inteligentes*, Cascais: Editora Pergaminho

EFLAND, A. (2004). *Arte y Cognición: la integración de las artes visuales en el currículum*. Barcelona: Octaedro.

HERNÁNDEZ, F. (2000). *Cultura visual, mudança educativa e projectos de trabalho*. Porto Alegre: Artmed Editora

IAVELBERG, R. (2003). *Para gostar de aprender arte – sala de aula e formação de professores*. Porto Alegre: Artmed.

LOWENFELD, V.; BRITTAIN, W. L (1980). *Desenvolvimento da Capacidade Criadora*. São Paulo: Mestre Jou.

MATOS, M. (2003). *A acção e a reflexão na construção do conhecimento por alunos do 4º ano de escolaridade*. *In* Neto, A. *et al* (org.). *Didácticas e metodologias da educação – Percursos e desafios.* Vol.I, Évora: Universidade de Évora, pp.443-452

MUNARI, Bruno (1982). *Das coisas nascem coisas*. Lisboa: Edições 70.

NICOLAIDES, K. (1997). *The Natural Way To Draw* (3ª ed.). Londres: Souvenir Press Ltd

OLIVEIRA, M. (2007). *A Expressão Plástica para a compreensão da Cultura Visual.* Saber (e) Educar 12, 61-78

PESTANA, I. (2010), *A importância da aquisição de uma cultura artística no futuro desempenho profissional dos alunos*. Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas Artes

QUEIRÓS, L. M. (2007). *A disciplina de Educação Visual e Tecnológica em contexto escolar de diversidade cultural*. Lisboa: Universidade Aberta.

RAMÍREZ, J. (2003). Emociones reconocidas. Formación, desarrollo y educación de las experiencias estéticas In Marin, R. (org.) (2003). *Didáctica de la Educación Artística*. Madrid: Pearson Prentice Hall. Cap. 4.143-179.

RIBEIRO, Ângelo, (2005), A imagem da imagem da obra de arte no uso dos manuais de Educação Visual. Universidade do Minho, Instituito de Educação e Psicologia.

RIBEIRO, L. (1991). *Educação Hoje: Avaliação da Aprendizagem.* Lisboa: Texto Editora.

RODRIGUEZ, D. (2003), *De la copia de laminas al ciberespacio: la educación artísticas en el sistema escolar y en el conjunto de las instituciones sociales: las artes visuales en la escuela, los museos, el patrimonio y los medios de comunicación de masas*. In Marin, R. (org.) *Didáctica de la Educación Artística para Primaria*. Madrid: Pearson Prentice Hall. Cap. 5, 183-227.

ROLDÃO, M. C. (2000). *Formar professores. Os desafios da profissionalidade e o currículo*. Aveiro: CIFOP – Universidade de Aveiro.

SCHÖN, D. (1987). *Educating the reflective practitioner.* San Francisco:Jossey-Bass.

SILVA, Inês, (2010). *O contributo da arte contemporânea no ensino artístico, através de métodos experimentais*. Lisboa, Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas Artes

SILVA, Tomaz Tadeu da (1999), *Quem Escondeu o Currículo Oculto*, in *Documento de Identidade:* Uma Introdução às Teorias do Currículo. Belo Horizonte: Autêntica.

TRINDADE, R. (2002). *Experiências Educativas e Situações de Aprendizagem*.

Porto: Edições ASA.

WAGNER, T. (2001). *Las artes y la creatividad artística. In UNESCO. Métodos, Contenidos y Enseñanza de lasArtes enAmérica Latina y el Caribe*. Brasil: UNESCO.

ZABALZA, M. (2001). *Didáctica da Educação Infantil*. Lisboa: Asa Editores.

6.2 Webgrafia

AGUIAR, R. (2005). *Gestão de arte e competência*. Consultado a 3-04-12, de http://www.funarte.gov.br/vsa/download/ down05/RitaM Aguiar. doc.

ANDRÉ, T. (2010). *Educação artística e ensino artístico especializado: Breve nota*. Consultado a 12-04-12, de http://www.clubeunescoedart.pt/artigo.php?id=3

MONTEIRO, Manuela*, (s/data), Intercâmbios e Visitas de Estudo in Novas Metodologias em Educação,* Porto Editora*.* Consultado a 23-03-12, de http://www.netprof.pt/netprof/servlet/getDocumento?TemaID=NPL0702&id_versao=11732

OLIVEIRA, M.; Cruz, S.; Pechincha, M. (2004). *Expressões de Comunicação: O Desenho de uma Linha de Investigação.* Consultado a 11-02-12, de http://purl.net/esepf/handle/10000/85

PORTUGAL, Ministério da Educação, Instituto de Inovação Educacional (1994). *Avaliação Criterial / Avaliação Normativa*. Consultado a 1-02-12, de http://sitio.dgidc.min-edu.pt/secundario/Documents/avaliacao_criterial.pdf

PORTUGAL, Mistério da Educação, Departamento do Ensino Secundário (2001) *Programa de Desenho A 10.º e 11.º e 12.º anos*. Consultado a 1-02-12, de http://sitio.dgidc.min-edu.pt

PORTUGAL, Mistério da Educação, Departamento do Ensino Secundário (2001) *Programa de oficina multimédia B, 12.º anos*. Consultado a 1-02-12, de http://sitio.dgidc.min-edu.pt

PROJECTO EDUCATIVO, (2008/2010). Consultado a 5-01-12, de http://www.esfrl.edu.pt/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=18&Itemid=51

RAPOSO, M. (2002)*. A escola para todos é artística: A dimensão estética e a dimensão lúdica na construção da pessoa.* Consultado a 12-04-12, de http://www.proformar.org/revista/edicao_14/escola_artistica.pdf

VI. ANEXOS

ANEXOS